

Wilson Cano

Ficha Técnica

Depoente: Wilson Cano

Perfil: Nasceu na cidade de São Paulo, em 11 de dezembro de 1937. Bacharelou-se em Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1962), doutorou-se em Ciências pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp (1975) e prestou respectivamente os concursos para Livre-Docente (1981), Prof. Adjunto (1984) e Prof. Titular (1986). Quando foi contratado pela Universidade de Campinas como professor colaborador do DEPEP (Departamento de Planejamento Econômico e Social), em fevereiro de 1968, já acumulava dez anos de experiência de trabalho no setor público.

Exerceu diversas atividades administrativas, entre elas a de coordenador de Pós-graduação (janeiro de 1983 a fevereiro de 1985) e coordenador da Comissão de Pesquisa no Instituto de Economia

De outubro de 1985 a junho de 1991 foi

Foi diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas no período de agosto de 1976 a agosto de 1986. É professor do Departamento de Política e História Econômica do Instituto de Economia.

Tipo de entrevista: depoimento

Entrevistador: Eloi José da Silva Lima

Data e local da entrevista: 07 de agosto e 29 de setembro de 1989, no Instituto de Economia.

Duração:

Fitas cassetes: 4

Transcrição: Luciana Levantze

Conferência de transcrição e editoração: Vânia Regina Personeni de Miranda

Sumário: Formação universitária e trajetória profissional; a vinda para a Universidade de Campinas e a instalação da Faculdade de Medicina; a mudança do reitor e a vinda do professor Zeferino Vaz; a doação da terra para a construção da universidade e as primeiras instalações; a organização do curso de Economia; a extinção da cátedra; a interferência da Revolução de 1964 na universidade; sua vinculação com o professor Zeferino Vaz, a filosofia dos primeiros professores para a construção da universidade; suas atividades administrativas; a autonomia acadêmica, financeira e administrativa na universidade em relação aos governos federal e estadual; a contratação de professores que estavam para ser exilados; a ajuda do governador Laudo Natel para a construção da Universidade de Campinas e o declínio das verbas concedidas pelo Estado; o declínio do ensino universitário; a colaboração da universidade na formação de recursos humanos; a instalação dos Institutos Centrais; a centralização excessiva e o apoio da administração a Zeferino Vaz;

WC - Wilson Cano

E - Elói José da Silva Lima

FITA 1 - LADO A

E.: Eloi Lima, nós estamos no Instituto de Economia da Unicamp, dia sete de agosto de 1989 e eu tenho aqui comigo o professor Wilson Cano que é uma das pessoas que foi selecionada para prestar depoimento nessa nossa pesquisa, pelo fato de ter sido também uma das pessoas que participou ativamente do período de criação da Universidade de Campinas. Então, professor Wilson Cano, eu pediria que a princípio o senhor fizesse um breve histórico da sua formação acadêmica e falasse sobre a sua vinda para a Universidade de Campinas e, inclusive, localizando no tempo.

WC.: Eu vim para Campinas e cheguei aqui exatamente no dia 01 de fevereiro de 1968. Eu vim para cá a convite do professor Zeferino Vaz, eu e mais algumas pessoas: professor João Manuel¹, professor Denilson, professor Gonçalves, professor Osmar², professor Fausto Castilho³ que era, então, coordenador do grupo; e mais o professor Ferdinando⁴ e o professor Gamboa, nós três... os últimos dois do Rio, junto comigo... nós três éramos economistas da CEPAL⁵ no escritório do Rio de Janeiro e achamos extremamente oportuno o convite que nos fazia a Unicamp, que era então uma universidade que estava nascendo e que tinha, a rigor, só duas áreas com mais presença, mais densidade, que eram a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Engenharia. Os demais órgãos estavam apenas de forma extremamente embrionária naquele momento. O convite feito ao grupo era um convite dos mais interessantes e dos mais oportunos naquele momento, porque significava a possibilidade de nós fundarmos a área de Humanidades na Unicamp, que estava totalmente virgem e, portanto, era uma oportunidade extremamente rica. Por que rica? Rica porque se abria uma oportunidade de ouro, que era a gente tentar montar uma escola nova e, se possível, sem os defeitos das escolas até então existentes. Essa foi a grande chance. A segunda grande oportunidade, que está implícita nesse convite, é que nós estamos sendo convidados exatamente em 68, ou seja, quando o país vai ingressar na sua fase negra do autoritarismo. Então, essa também se revestia numa oportunidade da maior seriedade política, que era você, em pleno governo autoritário, ter a sorte de poder montar um curso de Humanidades.

¹ João Manuel Cardoso de Mello, professor do Instituto de Economia e do DEPE – Departamento de Estudos Econômico.

² Osmar de Oliveira Marchese, professor do Instituto de Economia e do DEPE – Departamento de Estudos Econômico.

³ Professor do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

⁴ Ferdinando de Oliveira Figueiredo, professor do Instituto de Economia.

⁵ Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe.

Quanto à primeira parte da sua pergunta, minha formação, eu sou economista formado pela Católica de São Paulo, eu fiz vários cursos de Pós-Graduação na CEPAL, trabalhei em entidades patronais, entidades de classe como economista profissional, fui professor de várias universidades do Brasil e era economista da CEPAL no escritório do Rio de Janeiro quando eu recebi o convite e, de lá para cá, eu estou, já nesses 21 anos, aqui na Unicamp. Estou aqui em tempo integral e aqui fiz toda a minha carreira: meu Doutorado, minha Livre Docência, meu concurso de Adjunto, meu concurso de professor titular.

E.: Bem, quanto a esses detalhes depois eu pego seu currículo.

WC.: No meu currículo tem todas essas informações.

E.: Está bem. Então eu vou começando formulando as perguntas. [falas sobrepostas] Eu gostaria que o senhor fizesse uma exposição de quais eram as suas idéias e expectativas sobre o que deveria ser a Unicamp por ocasião da sua criação, ou seja, por ocasião de quando o senhor veio trabalhar aqui. Eu gostaria que o senhor falasse, inclusive, de aspectos filosóficos quanto às finalidades da instituição e de seu papel na sociedade nacional.

WC.: Bom, você veja, eu vim para cá na área de Humanidades, mais especificamente de Economia, mas a concepção do grupo era não da área de Economia mas da área de Humanidades, entendidas as áreas das Ciências Sociais: Sociologia, Política, História, Antropologia; Lingüística também acabou sendo inserida nesse contexto de Humanidades e, fundamentalmente, de Economia. Então, a intenção era montar programas integrados o mais possível para que o aluno tivesse, realmente, uma formação em humanidade a maior possível. Justamente porque o que a gente via era que o defeito das principais escolas de Economia do país era o divórcio relativo com as demais áreas das Ciências Sociais; e ao mesmo tempo em que também a gente via nos outros cursos de Ciências Sociais, onde havia, inclusive, uma intensa militância política de esquerda, a gente via uma quase ausência da Economia. Então, o objeto nosso foi tentar fundir exatamente essas coisas. Não fundir em cursos únicos, mas integrar os programas ao máximo possível para que ambos tivessem então... uns tivessem o máximo de formação de economia possível e outros tivessem o máximo possível de formação em humanidades, justamente para retirar o caráter alienado que tinham os vários cursos de Economia no país e também para tirar um caráter divorciado do ensino da Economia que tinha os cursos de Ciências Sociais do país.

E.: E em relação à Unicamp como universidade.

WC.: A Unicamp como universidade era uma coisa em que só o Zeferino Vaz e as pessoas que vieram para cá acreditavam, porque você falava de Unicamp no Rio de Janeiro... por exemplo, eu fui convidar vários colegas do Rio de Janeiro para virem para cá, formar a Escola de Economia e, mesmo em São Paulo, essas pessoas não riam na cara da gente porque a gente era amigo. Mas essas pessoas, você via nos olhos delas: "Mas como! Esse camarada está querendo montar uma universidade no interior de São Paulo!". Então, isso era tido assim como uma coisa marginal, como uma coisa pequena, como uma coisa que, em absoluto, ninguém previa. Essas pessoas com as quais a gente falava, jamais previam que isso aqui fosse, digamos, dar resultados como deu. Principalmente na área de Economia, que em termos da área de Economia da Humanidade realmente a Economia... em rápidos anos depois a Unicamp mostraria realmente um papel nitidamente diferenciado em relação às demais escolas do país. Eu não posso dizer o mesmo da área de Física, de Química, de Engenharia porque, em que pese os níveis qualitativos elevados que esses institutos tiveram, mas afinal de contas, você também tinha bons físicos em São Paulo, bons químicos, bons engenheiros, bons matemáticos, então, a diferenciação podia ser medida com relação às demais áreas por, digamos assim, níveis qualitativos um pouco diferenciados, com programas mais arrojados de investigação, ao passo que na área de Humanidades não; não só a Unicamp demonstraria um alto padrão qualitativo, como ela teria uma marca política, ou seja, nós nos inserimos rapidamente na luta pela democratização do país. E isso foi uma marca política e ideológica bastante clara e inequívoca no contexto das áreas afins do Brasil.

E.: Ainda no conteúdo dessa pergunta; havia alguma perspectiva em termos da Unicamp enquanto universidade... a participação dela na vida nacional?

WC.: Havia. Desde cedo nós notamos isso porque Zeferino Vaz era um homem com uma mente extremamente aberta e ele era um homem que pensava no futuro. Então, quando ele convidou as pessoas que ele convidou, seja para Física, seja para Matemática, seja para área de Humanidades, ele queria realmente pessoas que pensassem grande, que pensassem para a frente e que pensassem no futuro. Então, nós viemos para cá não simplesmente para montar mais uma escola de Economia ou de Sociologia no país. Nós viemos para montar realmente uma escola que passasse a ter peso na discussão do pensamento político e econômico nacional. Era com essa perspectiva.

E.: Professor Wilson, você concorda com o fato de nesta pesquisa nós estarmos considerando a gestão do professor Zeferino Vaz como uma etapa única e homogênea da história da Unicamp, inclusive denominando-a como "período de fundação" ? Então, o período é de 66-67, quando o Zeferino chegou, até 78.

WC.: Olha, é um período de fundação, mas ela não pode ser chamada de uma etapa homogênea dentro desse tempo porque: primeiro, era uma primeira etapa até os idos de 68 e 69 que é uma etapa, digamos assim... que meia dúzia de pessoas que administravam a Unicamp; o Zeferino mais meia dúzia de pessoas é que acreditavam nisso. E ele tinha, inclusive, inimigos políticos que estavam no governo que, segundo ele me confessou algumas vezes, não estavam dispostos, digamos assim, a bancar financeiramente mais uma universidade no Estado de São Paulo. Isso era muito discutível naquela época. Mas ele, com o arrojo dele, com as ligações políticas dele, com a vivacidade dele, com a tenacidade, tudo isso ele conseguiu superar - essas barreiras políticas - e foi em frente. Ele vinha inclusive de um agrupamento político mais vinculado com o Ademar de Barros que depois vai ser caçado pela Revolução. Então, embora o outro governador vá ser o Laudo Natel mais tarde, mas ele tem problemas de ajustamento político durante o governo Abreu Sodré e ele atravessa a maré. Então, você tem, digamos, um período que ninguém acreditava, para depois no período de 68-72, quando as coisas estão se firmando, estão sendo implantadas, aí começa a Unicamp a ser discutida em termos de país. E depois a última gestão Zeferino, em que já se sente que ele não controla e ele não tem um comando de uma unicidade dentro da universidade. Ele já percebe, evidentemente, que há fricções, que há grupos, houve inclusive uma crise; ele passa por uma crise nos idos de 72 muito séria, uma crise interna. Então, ele não consegue mais aquela unicidade, porque aí, evidentemente, já começam a surgir conflitos de interesses. Interesses de grupos, de faculdades, de institutos, de pessoas enfim, e administrar isso já começa a ser um problema sério porque é uma universidade, realmente, o que ele pretende montar. Então, em 72 todas as áreas já estão instaladas na universidade; e é aquele acúmulo de necessidades de mais contratações, de mais verbas, a construção do campus em cima daquilo que era um canavial. Tudo isso foi uma coisa muito arrojada e os conflitos de interesses, naturalmente, começam a crescer. Então, se torna muito mais difícil, evidentemente, você administrar uma universidade. Porque? Porque a administração do Zeferino era uma administração política, acadêmica e administrativa. Ele realmente concentrava, nas mãos dele, essas decisões.

E.: Professor, o senhor falou em Zeferino Vaz e mais meia dúzia de pessoas...

WC.: Eu, naturalmente, estou exagerando essa meia dúzia de pessoas...

E.: O senhor podia citar algumas?

WC.: Podia nominar. Ele vai e busca o Cilento⁶ para vir montar o Instituto de Química. Ele traz o Marcelo Damy⁷, traz o Sérgio Porto⁸ para Física. Ele traz aquele que faleceu, de Piracicaba, o...

E.: Brieger⁹.

WC.: Brieger, e o Hadler¹⁰ para a área de Biologia. Para a área de Medicina ele traz também muita gente de Ribeirão Preto. Para a área de Humanidades ele trouxe a gente, que era um grupo... algumas pessoas de São Paulo, mais pessoas do Rio de Janeiro. Enfim, ele trouxe pessoas escolhidas, que são, digamos assim, os embriões organizadores de cada faculdade. Evidentemente que eu não diria que acertou 100% em todas as escolhas, em todas as áreas, mas, no atacado, eu acho que ele conseguiu realmente trazer as pessoas certas.

E.: E os inimigos do governo, a quem o senhor se referiu?

WC.: Eu não saberia citar nominalmente porque ele era um homem aberto, mas era um homem também discreto; então, nessas conversas que a gente teve, ele me dizia isso e ele nunca teve nenhum motivo para me dizer qualquer coisa desnecessária, equivocada, e era perfeitamente compreensível porque ele era um homem de outra geração que vinha dentro de um comportamento político diferente que era do [inaudível]. Então, depois você tem o processo revolucionário¹¹, você tem a queda do Ademar¹², a cassação do Ademar e, evidentemente, os rumos políticos mudam. Depois, pesava também naquela época, em cima da cabeça do Zeferino, o fato de que quando a Universidade de Brasília cai com a Revolução, ele é o reitor; o que é uma história também que foi muito mal contada no período. Na verdade o Zeferino Vaz não foi o sujeito que afundou a Universidade de Brasília, pelo contrário, ele tentou segurar a Universidade de Brasília; os militares é que torpedearam ele e impediram ele de tentar a sustentação da Universidade de Brasília.

E.: Professor já que nós estamos falando do professor Zeferino...

WC.: Você está usando o "senhor" como uma questão formal... formal.

⁶ Giuseppe Cilento, foi diretor do Instituto de Química.

⁷ Marcelo Damy de Souza Santos, foi diretor do Instituto de Física.

⁸ Sérgio Pereira da Silva Porto, foi professor do Instituto de Física.

⁹ Friedrich Gustav Brieger, professor do Instituto de Biologia. Foi Coordenador Geral dos Institutos e Presidente da Comissão de Ensino na gestão Zeferino Vaz.

¹⁰ Walter Augusto Hadler, primeiro diretor do Instituto de Biologia.

¹¹ Refere-se à Revolução de 1964.

¹² Ademar Pereira de Barros, governador de São Paulo (14.03.1947 a 31.01.1951 e 31.03.1963 a 06.06.1966).

E.: Formal. Aliás na verdade eu estou trocando toda hora. [Prof^o Wilson ri]. Quais os seus vínculos filosóficos, ideológicos e políticos com o professor Zeferino Vaz e, além dele, com os membros da alta administração da Unicamp com quem você conviveu? Cite-os por favor.

WC.: Eu poderia dizer o seguinte, que em primeiro lugar, político e ideológico não, porque eu me considero um homem de esquerda e Zeferino não era um homem de esquerda, essa é a primeira distinção; e ninguém da cúpula administrativa, nem o Zeferino, evidentemente... não eram homens de esquerda; e muito menos vários dos homens que ele havia trazido para fundar as várias instituições, que eram, digamos assim, cientistas, eram pessoas de alto valor acadêmico e científico, mas que em hipótese alguma podiam ser chamados de esquerda. Por exemplo, o professor Cilento na Química, o professor Brieger na Biologia, o professor Damy na Física, muito antes, pelo contrário. Mas havia muitas afinidades num sentido de se pensar o país, uma visão crítica sobre a situação do país, uma visão crítica sobre o autoritarismo, porque logo depois da passagem do governo Castelo Branco, evidentemente, mesmo aqueles que trabalharam e cooperaram com o processo revolucionário, como foi o professor Zeferino Vaz - ele é parte integrante do Movimento de 64, ele é um dos artífices do Movimento de 64 - ele se dá conta de que os rumos daquilo tinham alterado a sua rota e o seu caminho, e que, portanto, a questão da democracia era um problema muito sério que se passava a ter que discutir. E ele... comungava um sim nessa idéia de que evidentemente havia que se implantar um curso crítico. Cursos abertos, politicamente abertos para que os estudantes e os pesquisadores pudessem justamente ter graus de liberdade crítica os mais amplos possíveis e não uma coisa fechada. Então, nesse sentido há uma identidade, ou seja, uma identidade de um respeito democrático; não de um democratismo vulgar, entendamos bem... não é. Ele pensava uma universidade séria, uma universidade que tivesse graus hierárquicos bastante claros, bastante inequívocos e, nesse sentido, nós todos da Economia naquele momento não pensávamos diferente, ou seja, a abertura que a universidade teve com a "Reforma"- acho que pode discutir-se isso mais à frente - é algo extremamente complicado... a abertura que a universidade teve. Então, nós tínhamos esse tipo de afinidades; a gente queria construir uma escola que fosse uma escola aberta no sentido que propiciasse as visões diversas do pensamento crítico, e uma escola que tivesse na pesquisa um dos seus estreitos. O Zeferino era um homem que sempre dizia isso: "Não basta à universidade só transmitir bem o conhecimento, é preciso também produzi-lo", ou seja: é preciso fazer pesquisa e se renovar no cotidiano. E ele tinha sempre uma frase que concordo inteiramente, ele dizia [inaudível]: "O dia que a política entrar pela porta da frente a ciência vai sair pelas janelas dos fundo". No que eu acho que ele tem razão em grande parte, que é, digamos assim, uma das faces da crise da universidade dos dias de hoje. Ou seja, a reforma da Lei de Diretrizes e Bases, a extinção da "cátedra", etc., eu acho que são cruces que nós vamos ainda carregar por um bom tempo. Eu acho que a gente pode chegar e discutir isso mais para frente.

E.: [simultaneamente] Mais para frente.

WC.: Então, a identificação que nós tínhamos era essa. Eles também queriam um país que crescesse, que se desenvolvesse, que tivesse uma tecnologia moderna e avançada. Ele era um entusiasta, por exemplo, das coisas que mais tarde se desenvolveriam tremendamente na Física e na Engenharia Química, aquilo que eram as modernas tecnologias. Ele era um entusiasta disso, como era também entusiasta da pesquisa básica na Biologia e na Medicina.

E.: O seu conceito sobre o professor Zeferino Vaz enquanto homem, enquanto o cientista, qual era?

WC.: Talvez eu seja suspeito para falar isso porque eu não sou da área científica dele, mas eu tenho conhecimento que até uma determinada idade acadêmica dele, ele foi um homem produtivo. Eu mesmo cheguei a assistir aulas dele dadas na Biologia, aulas dadas com um nível científico e um nível didático muito bom, nível excelente, e disso eu fui testemunha. E eu sei que ele se correspondia com cientistas de várias partes do mundo, ele inclusive chegou a ser publicado na União Soviética na área de Biologia e Imunologia, ou seja, ele era um homem que teve uma vida científica, até um determinado momento; que depois, eu acredito que ele foi obrigado evidentemente a centrar mais esforços do tempo dele justamente na coisa da administração política das universidades que ele implantou. Entende?

E.: Quais as crenças filosóficas que, no seu entender, foram vitais para a construção da Unicamp?

WC.: Eu acho que... uma vontade inabalável em lutar por uma ciência séria, por uma pesquisa séria, não é?... Eu acho que a vontade da democracia, embora um reitor num momento desse... você há de convir que ele passa por problemas muito sérios, porque ele é um homem do governo, ele nem tinha um mandato, ele estava exercendo um mandato que institucionalmente era um mandato muito complicado, na verdade se ele se convertesse em um inimigo político do governo, o governo poderia tentar retirá-lo à qualquer momento e ele se mantém em três administrações, ele se mantém... começou com o Ademar de Barros... quatro na verdade, Ademar de Barros, depois Abreu Sodré, Laudo Natel, Paulo Egídio Martins. Então, você veja que um homem para se manter em quatro administrações destas em um mandato discutível, ele precisa ter realmente uma senhora habilidade, não é? Então eu acho que foi a tenacidade dele e a recusa permanente dele pelo vulgar, pela coisa fácil; então ele cobrava as pessoas. A gente pode discutir em um outro parágrafo desta nossa conversa... por exemplo, os despachos dele eram terríveis... quando ele despachava com nós diretores. Vários diretores me contavam a verdadeira preparação psicológica que antecedia o dia seguinte do despacho. Tinham vários aí que tinham que tomar calmante para despachar com ele, porque ele era um

cobrador emérito, ou seja, o diretor ia lá para fazer as reivindicações e ele fazia as cobranças. Dizia: "cadê a produção do seu instituto, da sua faculdade? Que cursos vocês estão dando? Me mostra aqui as publicações últimas de vocês". Quando ele dava uma passagem aérea para um professor ir a um congresso, esse professor tinha ou que estar apresentando um tema ou estava sendo convidado num congresso importante para ser um debatedor categorizado. A carreira era uma exigência permanente dele. Exigia cumprimento à carreira, então era um reitor que estava cobrando permanentemente a produção acadêmica. E ele tinha olhos... os olhos dele pegavam todas as áreas, porque era um homem já com uma idade... mais de 60 anos e um homem que passou por toda uma vida acadêmica; então ele conhecia gente, ele conhecia produção também das várias áreas acadêmicas, ele não era apenas restrito a área dele ou a duas ou três áreas. Ele sabia quem eram os melhores físicos, ou quem eram os melhores químicos, quem era a melhor pessoa na Engenharia, então ele conhecia essas pessoas todas, então ele era um homem que sabia julgar, sabia criticar; e a crítica dele era uma crítica severa quando do despachos com a gente.

E.: O senhor lembraria de mais alguma outra... isso que eu estou chamando de crença filosófica, alguma coisa...

WC.: A crença filosófica dele era uma crença que não sei se chamaria de positivista. Ele apostava muito na tenacidade dele e nas pessoas que ele trazia para cá e realmente, das pessoas que ele trouxe para cá, nenhuma, à rigor, deu, digamos assim, mancada, se me permite a expressão. Acho que quase todos, dentro da suas limitações obviamente, acho que realmente cumpriram com aquilo que...

E.: Certo, mas e nas áreas de ensino e pesquisa, teria especificamente, alguma postura, assim... que marcou esse período que não fosse só do professor Zeferino por parte das outras pessoas também que dirigiam a universidade?

WC.: Eu acho que ele trouxe pessoas... como eu disse a você, pessoas em quem ele acreditava porque realmente eram de uma senhorilidade bastante reconhecida: o Marcelo Damy era de uma senhorilidade muito conhecida, o professor Cilento na Química, o Brieger na Biologia, o Ubiratam D'Ambrósio na Matemática; enfim, eram pessoas que tinham uma senhorilidade científica e acadêmica reconhecida na praça. Eram pessoas que eram editadas, eram publicadas, participaram de "n" atividades. Nesse sentido, a prática do ensino foi se materializando de acordo com aquilo que essas pessoas pensavam. É claro que se em uma escola a eficiência atingiu a tantos por cento, numa outra talvez não tenha atingido exatamente isso, não é... houve um processo de reconstrução destes cursos todos. A idéia inicial na fusão das ciências era de se montar os chamados Cursos Básicos Integrados, mas foi coisa que não se revelou como algo que... não teve

grande sucesso, senão durante um número muito curto de anos, depois se desintegraram quase todos os Cursos Básicos; mas enfim, a filosofia era essa de uma integração. Integração das áreas também entre si. Ele exigia que nós tivéssemos uma presença nas Humanidades nas outras áreas e das outras áreas com a gente.

E.: É, o senhor acredita que essas idéias foram duradouras nesse período do Zeferino ou se transformaram?

WC.: Eu acho que houve uma transformação, como eu disse a você porque que eu não chamo de homogênea. Homogêneo porque os últimos anos da gestão dele já é uma gestão um pouco mais complicada, não é? Porque a universidade já cresceu. Nós estamos já entrando no processo da luta pela democratização do país, chamada “abertura lenta e gradual”, depois do Geisel¹³ vai oferecer e, naturalmente, é um momento que começam as fissuras políticas, que quando você entra em um processo de abertura democrática também, evidentemente, os distintos agrupamentos políticos e ideológicos da universidade vão se personalizando, vão adquirindo uma aparência explícita, evidentemente aí começam as fricções... vão crescer, não é? Então aí deixa de ser tão homogênea e aí você embarca em uma outra questão. Já a universidade então está corporificada, já está com grande parte do atual corpo docente, já está [inaudível], há uma quantidade de professores jovens tremendamente grande, um percentual em relação ao corpo docente, a quantidade de jovens é muito grande, muito acentuada. E eu acho que a partir desse momento se confunde tudo: a luta pela democratização do país e uma suposta luta pela democratização da universidade e o problema da Lei de Diretrizes e Bases. Essas coisas se confundem.

E.: Não sei se você concorda com a imagem que... algumas pessoas fazem de que a Unicamp nesse período aí, até surgirem essas dissensões, ela seria uma família que o Zeferino controlava...

WC.: De certa forma essa imagem é uma imagem feliz. É uma imagem feliz inclusive porque... nem tanto na Humanidade. A Humanidade sempre teve uma característica diferente, em relação suponhamos, à Física, à Matemática, Química, Biologia, etc., porque a presença da "cátedra" nessas escolas, Ciências médico-biológicas e físicas... a presença e o papel da cátedra foi muito mais pesado e ostensivo no passado do que, por exemplo, na área de Humanidades, onde sempre os graus de liberdade e, digamos assim, de uma democracia, no bom sentido da palavra, eram muito mais amplos. Não tanto na Economia mais nas áreas de Ciências Sociais, por exemplo, ao passo que a "cátedra", essa tinha realmente um vigor e uma rigidez muito maior nessas antigas escolas. Então, o que sucede? Sucede que você monta uma universidade nova que, onde tem três ou quatro sujeitos que são, digamos assim, grandes escolas; que tem sonoridades: como um Brieger na Biologia, um Damy na Física e como o pessoal... a maior porcentagem do corpo docente de então é um

pessoal muito jovem, que ou está se doutorando, ou está se mestrando; ou que estavam recém chegados no país com o título de PhD mas que não tem ainda o exercício prático quase nenhum. Então esses jovens quase que reconstituem a "cátedra" embora a "cátedra" inexistisse. Você chega a ter, por exemplo, na Física - você depois vai entrevistar, seguramente, algumas pessoas na Física - em que a física, anos mais tarde, ela vai se dividir em dois blocos: um bloco da tutela e orientação do Sérgio Porto, e um bloco da tutela e orientação do Rogério Cerqueira Leite, que são os dois grandes Departamentos da área Física. Na Química você vai ter a mesma coisa. Você vai ter o Departamento de Orgânica e o Departamento de Inorgânica como se isso fosse formas, digamos assim, de agregar pessoas, não é? Então, esse sentimento de... vamos chamar de obediência, mas esse sentimento de você ter uma tutela acadêmica e científica, na presença de um catedrático, de um professor que está há 30 anos trabalhando, eu acho que é muito mais forte nessas áreas do que na área de Humanidades, compreendeu? Então, isso para romper levou um pouco mais tempo; e eu acho que essas coisas então se confundem todas à partir do governo Geisel, justamente à partir do último mandato, da última gestão do Zeferino Vaz é que essas [inaudível] começam a se libertar; as pessoas se intitulam mais, começam a publicar mais artigos, fazem mais teses, enfim, sentem-se mais independentes em relação a um titular. E as pessoas crescem, começam a se titular, a se mestrar, a se doutorar, esses graus... Essa ânsia de uma liberdade maior dentro da cátedra começa a se manifestar nesse período, aí se confunde tudo... [sobreposição - E.: Então o senhor...] a necessidade da democracia do país e a luta e o engajamento com a necessidade, vista pelos olhos de alguns de uma maneira diferente, com uma necessidade de uma democracia dentro da universidade, dentro do departamento...

E.: Quer dizer, que implicava em um rompimento com essa tradição...

WC.: Que implicava um rompimento dessa linha tradicional.

E.: Hum... hum! Onde entra a questão do professor Zeferino, daquela imagem que a gente fez que, numa primeira etapa, a Unicamp seria uma família [**WC.:** Sim] e que ele tinha o absoluto controle, e que numa etapa seguinte ele perderia o controle...

WC.: Não é que ele perde o controle, é que ele tem que administrar a universidade de uma maneira diferente e, nesse sentido, ele é muito hábil. Se você olhasse "stricto sensu" ele continuava a controlar as discussões do Conselho Diretor de então, não é? Ele continuava com níveis de fidelidade, inclusive pela seguinte razão: porque para você convencer o professor Zeferino Vaz de que você estava certo em determinada questão - de montar um curso novo, de fazer isso, fazer aquilo - você tinha que fazer um convencimento acadêmico e

¹³ General Ernesto Geisel, presidente do Brasil de 13/03/74 a 15/03/79.

científico para ele. Não adiantava você pintar um quadro rosa e tentar aglutinar forças políticas do Conselho para aquele convencimento, porque senão ele te desmascarava, que ele tinha essa competência! Eu insisto na coisa do despacho, no despacho dele, ele quando queria usava dois instrumentos que eram terríveis...

FITA 1 -LADO B

WC.: ...e eram terríveis. Ele usava um "pince nez" e usava uma caneta muito bonita com tinta vermelha. Então, quando ele não estava a fim de dar contratações ou quando ele estava com o olho mais crítico em determinada unidade, ele começava o despacho com aquele diretor fazendo uma correção de português nas cartas que aquele diretor mandava para ele e o sujeito, depois do terceiro rabisco em vermelho, pedia bom dia para ele e tentava sair da sala o mais rápido possível. Tinha gente que passava mal. Então, era um martírio para certos diretores que estivessem com eventuais problemas nas suas escolas fazer despacho com ele, pedir contratação, promoção de professor, passagem aérea para alguém viajar - que eram os pedidos. Cada um tinha a sua estratégia, eu tinha a minha estratégia. Em primeiro lugar evidentemente que eu não chegava lá com erro de português na carta. Eu tomava o cuidado de verificar as redações, se estava uma redação elegante, condizente com uma carta endereçada a um reitor. E eu tinha a minha estratégia de despacho: eu colocava todas as frutas doces na frente, tudo aquilo que era gostoso, que o reitor ia gostar e deixava os abacaxis no final e, conforme estivesse o *time*, a gente discutia determinados assuntos ou deixava para oportunidades mais... seguintes, não é? Então, eu jamais entrei para despachar sem entregar um artigo meu ...de um professor publicado em uma revista séria, jamais! Professor meu que editava um livro, eu pedia o livro: "Faz o favor, me dá um livro e autografa para ele" e presenteava o reitor com aquele livro. Aquele livro ia parar mais tarde em uma biblioteca. Sempre trazia com ele um diálogo mostrando o que estava acontecendo no instituto, como estavam se desenvolvendo os cursos, etc. e tal. Ou seja, eu mostrava para ele que, na minha área, aos meus olhos pelo menos, estava havendo uma produção acadêmica e científica condizente com aquilo que ele esperava que a universidade fosse. Então eu tinha uma estratégia de despacho, não é?

E.: Professor, qual foi a sua participação e quais foram as suas principais contribuições na criação e na implantação da Unicamp?

WC.: Bom, eu sou um dos seis que estruturaram a área de Humanidades, aqui. Que era um time de Filosofia e Ciências Humanas, que depois... enfim o que é Lingüística vira o Instituto de Estudo da Linguagem e que

depois, mais tarde, outro desmembramento criaria o Instituto de Economia. Agora, além disso, na medida do possível, participei... eu e outros colegas participamos muito na formação da universidade discutindo em nível de Conselho Diretor, discutindo a própria política de execução da universidade, a abertura de novos cursos, a Pós-Graduação, enfim, uma série de coisas; e, no meu caso pessoal, além de um mandato como diretor, eu tive dois mandatos como representante de professores titulares junto ao Conselho Diretor onde também tive oportunidade de participar.

E.: Nesse período...

WC.: Nesse período. Exatamente, nesse período. É.

E.: Quer dizer, além da função de diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas o senhor não ocupou nenhuma outra função administrativa em nível de reitoria...

WC.: Olha, participei. Participei, por exemplo, do Grupo de Planejamento Setorial, nas discussões orçamentárias da universidade.

E.: Isto em que ano?

WC.: Acho que foi no último mandato dele. Provavelmente, no último mandato dele. E, vez por outra, ele dava várias missões para vários professores também. Assessorá-lo em alguma coisa, nisso, naquilo, enfim.

E.: A pergunta seguinte é: face à sua formação escolar e à experiência profissional em geral - eu queria que o senhor fizesse uma avaliação entre ela - e as funções que exerceu na Unicamp, ou seja, estabelecesse relação de correspondência e adequação entre uma e outra.

WC.: Eu acho que eu tive as possibilidades e um grau de liberdade total para realmente colocar aqui em formas de cursos, programas, disciplinas e programações, aquilo que eu conhecia, que eu vinha... eu era um economista naquele momento que participava de um escasso grupo de economistas críticos que tinha no país, que era a escola da CEPAL. Então, a universidade me propiciou isso e isso; na medida do possível tentei transmitir, nos cursos que eu dei, nos textos que eu escrevi... eu e os outros colegas meus. A universidade nos possibilitou, na verdade, que nós ampliássemos ainda mais o nosso conteúdo crítico, porque nós fomos obrigados, já que estávamos agora na academia, e essa é uma diferença entre a sua vida profissional e academia; é que a academia ela te cobra, ela te exige um rigor muito maior, tanto um rigor formal, ou seja, como você comunica, como você dá uma aula, como você escreve um texto, quanto o rigor

científico, que vem de você dosar bem aquilo que você está escrevendo ou está dizendo. Então, nesse sentido a vinda para cá, para nós todos, foi, sem dúvida nenhuma, algo extremamente positivo que nós pudemos amplificar muito a nossa bagagem de reflexão crítica.

E.: Em relação àquele conteúdo administrativo...

WC.: Da administração da universidade?

E.: É, da administração da universidade. Você se sentia à vontade para...

WC.: Não.

E.: ...trabalhar?

WC.: Não. A universidade, evidentemente, na sua formação ela já nasce centralizada e a questão da administração sempre foi uma centrali... foi a coisa mais centralizada na universidade e a coisa que mais dificuldades, evidentemente, gerou em toda a duração que a Unicamp tem até hoje. A administração se burocratizou, ficou uma coisa infernal, chegou um momento em que você não podia mais importar livro porque era tal a demora que quando chegasse já seria uma coisa velha e provavelmente já teria até uma tradução já no país. Enfim, a burocratização disso se tornou uma coisa... se tornou um bicho... um bicho muito grande, incontornável e imbatível. A burocracia se soldou na universidade. Eu confesso que eu não estou... não tenho acompanhado os trabalhos desse Grupo de Reformas Administrativas da universidade, não sei exatamente hoje o que ele tem conseguido, para desburocratizar mais, agilizar mais a universidade; mas, a universidade virou uma repartição pública pelo lado da sua administração, não é? Esclerosada. Jovem mas esclerosada porque foram se montando, se superpondo ela de burocracia e chega um momento que você estava sufocado. Então, em que pese você ter orçamentos para dispor unidades, mas você, vez por outra, você sequer conseguia manejar esses orçamentos porque obstáculos intransponíveis ao nível da burocracia.

E.: Dessa sua visão crítica se refere também ao período do professor Zeferino?

WC.: Também ao professor Zeferino, porque no começo tudo é fácil porque a universidade é um conjunto de 200 pessoas, mas quando a universidade já atinge um nível de quatro à cinco mil pessoas, então ela já se torna uma máquina burocrática complexa. Então, evidentemente, essas coisas iam se tornando cada vez mais difíceis, se resolvia porque aquela época, evidentemente o Zeferino mandava resolver e o assunto era resolvido imediatamente, ele tinha realmente um exercício de uma autoridade, no bom sentido da palavra, e

que era acatada e respeitada por todos os órgãos da universidade, e os diretores também eram ouvidos; mas é a tal coisa, você como diretor não vai 30 vezes por mês falar com a burocracia para exigir... para cobrar uma providência imediata, é uma coisa desgastante, então, estes problemas tenderam-se à avolumar, porque a universidade se burocratizou no que tange à sua administração.

E.: Então, só mudar um pouquinho o eixo aí da conversa para entrar na parte mais política, não é? A pergunta é a seguinte: em relação a esse período, que vai de 66 a 78, o período que nós estamos trabalhando, como você via a situação nacional e paulista, dos pontos de vista econômico, político, social e cultural, e a influência destes fatores sobre a Unicamp? E eu queria que o senhor considerasse em seus comentários o papel dos governos federal e estadual em relação à autonomia acadêmica, política, financeira e administrativa da universidade.

WC.: Bom, você veja, esse período coincide exatamente com o milagre brasileiro, começa exatamente em fins de 67 e começo de 68. Então, há aí uma conjunção altamente positiva, porque como a economia estava com um elevadíssimo nível de crescimento econômico, a arrecadação do Estado também estava e, portanto, não havia problema de miséria, de dinheiro público para dar para Unicamp. O governador pelo menos não tinha esse argumento porque tudo estava crescendo e as taxas de crescimento neste período são elevadíssimas. Então, por esse lado é um período francamente favorável. Há a disponibilidade de verbas quer em nível do governo do Estado de São Paulo, quer ao nível do governo federal, tanto é assim que a "FINEP" praticamente banca o Instituto de Física da Unicamp e o que era então a Faculdade de Engenharia, com pesquisas colossais, pesadíssimas; sustentava todo esse aparato e chegou a montar cerca de 80 a 85 laboratórios pessoais, de professores na Física. Na Engenharia você montou "n" bibliotecas individualizadas também com dinheiro de tipo "FINEP" ou "CNPq", enfim, dos órgãos federais que financiavam a pesquisa. Então é um período de "vacas gordas" fantástico... fantástico... que vai diminuir justamente... Porque a última gestão do Zeferino é difícil? Porque a economia desacelera à partir de 76, na medida em que você fosse avançando no tempo, os problemas naturalmente tenderiam a se agravar cada vez mais, começa a inflação, essa coisa toda. Então, esse período em que foi a minha gestão... minha gestão foi a gestão de "vacas magras", ou seja, eu me lembro que na primeira semana que eu assumi a direção do instituto eu convoquei uma reunião para avisar as pessoas como é que era o orçamento porque as pessoas não faziam muita idéia e como as coisas eram relativamente mais fechadas, o domínio do diretores era uma coisa sacro santa; o sujeito não tinha a ousadia de bater na porta de um diretor e exigir certas coisas, porque as coisas eram quase a reprodução da antiga "cátedra"; então, eu chamei os chefes de departamentos e mostrei: "Olha aqui ó, preste atenção no que é a verba de passagem aérea" - o meu saldo dava para o sujeito ir até o Rio de

Janeiro fazer uma viagem e voltar, para um instituto que tinha 60 e tantos professores, e mostrar para eles que o negócio... e eu fiz quatro anos de gestão da miséria, porque realmente a economia desacelerou à partir de 76; então aí as verbas caem evidentemente, depois se ingressaria no governo do senhor Paulo Maluf, em 78, o que seria então uma outra complicação adicional porque ele menosprezava... desprezava realmente a universidade. Então, você tem esse tipo de problema, quando a economia ia muito bem a arrecadação ia muito bem, então havia fartura de verbas; e o Zeferino soube aproveitar com maestria esse período... com maestria; com os vários governadores ele conseguiu fazer as suas negociações e construir a universidade e encher a universidade de gente. Agora, depois, ele também passa a se defrontar com o período de "vacas magras", que são os últimos anos da gestão e, evidentemente, gestão com "vacas magras" é uma gestão que por si só ela já provoca a proliferação dos conflitos na universidade; todo mundo vai brigar com todo mundo. Se juntar isso com a abertura da democracia está aí um circo armado, não é, para a explicitação de "n" conflitos.

E.: Vou aproveitar um detalhe dessa questão e, tendo em vista que o senhor é um economista, e que vive em Campinas já há bastante tempo, acho que essa situação principalmente no período de crescimento, de franco crescimento econômico que vai até 74, 75, 76, ao qual o senhor se referiu, o reflexo desse crescimento na região de Campinas, o senhor acha que tinha alguma coisa a ver com a Unicamp?

WC.: Tinha, tinha sem dúvida nenhuma; a Unicamp vai provocar... e de certa forma também a PUC mais tarde, que a PUC também vai crescer fisicamente muito. Mas o papel da Unicamp é um papel importantíssimo porque ela se choca com aquela estrutura de valores que era mantida na cidade, Campinas era realmente uma cidade provinciana, ou seja, uma professora da Unicamp não conseguia alugar um apartamento porque os condôminos impediam uma mulher de alugar um apartamento, já era uma coisa... já se pensava que essa mulher vai se virar, vai ser uma prostituta, vai praticar o lenocínio, ou coisa que o valha. Então, as coitadas das professoras não conseguiam alugar um apartamento, com carta de fiança e com tudo; você veja como isso é rompido, não é? Então a universidade de repente tem uma massa crítica de intelectuais que começam a comparecer no rádio, são chamados pela imprensa local, começam a fazer seminários, conferências, etc. e tal; e isso evidentemente... isso e mais a vinda das grandes empresas, que também é desse período, isso vai fazer... vai provocar uma mudança radical na cidade. A cidade é uma cidadezinha provinciana, ela vira algo que é hoje sem dúvida nenhuma, um embrião de metrópole, que eu creio que está se conformando aqui em Campinas uma região metropolitana. Mas, eu queria...a parte das questões políticas você vai tratar mais tarde? A questão...

E.: Não, podemos tratar agora também.

WC.: Eu acho que é uma coisa importante por isso eu te digo qual era o compromisso político do Zeferino Vaz. Ele tinha um compromisso com a coisa da ciência, porque ele acreditava nisso, com a academia, com a pesquisa, com o ensino e com a democracia. E como ele exercia a sua autoridade, não autoridade no sentido de autoritarismo, mas a autoridade de um homem que batalhava a vida inteira nisso, e que havia sido um cientista, ele era respeitado por todas as correntes; então, ele era um homem que tinha um trânsito fácil entre a esquerda e a direita, mesmo no autoritarismo, fosse a linha dura, fosse a linha branda; ele era um homem que tinha trânsito, tanto é assim que em um episódio da prisão de professores da Unicamp que vão parar no DOI-COD, o Zeferino foi o único civil que conseguiu entrar na masmorra do DOI-COD, e eu acho que talvez até a entrada dele ali tenha salvado a vida, quem sabe, ou pelo menos evitado coisas fisicamente mais graves naquele momento, salvando os professores e estudantes da Unicamp naquele momento. Por quê? Justamente porque ele tinha autoridade, então a gente não pode confundir democracia com democratismo e autoridade com autoritarismo, não é verdade? E nesse sentido, a Universidade de Campinas ela sofre, portanto, duas sortes durante esse período de implantação: primeiro porque ela está afastada dos grandes centros, é uma universidade vista, por muitos, como uma coisa interiorana, ninguém entendia muito bem o que era esse interior de São Paulo. Era uma coisa de caipira, uma coisa de interior, uma UNESP concentrada, uma coisa assim, não é? Então, não se importavam muito com isso, e a segunda, que na verdade é a primeira sorte é a mentalidade aberta do Zeferino Vaz que vai possibilitar, justamente, que aqui se crie coisas com espírito de liberdade, com espírito crítico, muito grande, e isso no período mais negro da ditadura que é o governo Médici. Esse é um ponto, sem dúvida nenhuma, transcendental para universidade, quando você estava fechando curso por aí, caçando, aposentando gente, você está criando a Unicamp, que é uma coisa paradoxal.

E.: Alguma interpretação à respeito disso que leva a algumas conclusões. Então você está colocando essa forma, quer dizer, essas duas sortes, dela estar localizada no interior, quer dizer, não estar no...

WC.: Eu acho que sim.

E.: ... foco de tensão e a mentalidade aberta do Zeferino, sobre isso... tenho uma primeira observação, é que Unicamp na realidade não chamava tanta atenção da repressão governamental, pelo fato de ser uma universidade que não tinha na verdade uma tradição política; porque pega outra... uma universidade mais jovem, mas que já tinha alguma tradição como a Universidade de Brasília, ou uma universidade...

WC.: A de Brasília estava lá no centro do poder... [riso] como a USP.

E.: ...Exatamente, que já tinha um movimento organizado de estudantes, de professores, essas escolas...

WC.: Aqui não tinha massa crítica ainda no começo...

E.: É, não tinha. E uma outra observação que algumas pessoas fazem é que o Zeferino ele...

WC.: Massa crítica e no caso da área de Humanidades nós tínhamos muita consciência do momento que nós estávamos atravessando.

E.: É, não tinha consciência no sentido de que não tinha produção ainda, não tinha...

WC.: Não tinha produção mas nós nos cuidamos muito, nós da área de... primeiro grupo que monta a área de Humanidades, estávamos conscientes de que isso aqui era uma exceção no país. Então, a gente já tinha uma visão clara do que essa escola poderia vir a ser, dentro da mediocridade em que o país estava sendo arrastado. No começo dos anos 70, nós que estávamos montando aqui as Humanidades, nós tínhamos plena consciência disso, porque nós percebemos claramente que o reitor bancava; então, a gente estava com um grau de liberdade fantástico para montar os nossos programas, montar nossas pesquisas e nossos cursos, etc.; então, nós sabíamos avaliar a preciosidade que estava em nossas mãos. Está compreendendo? Então, nós éramos politicamente conscientes para saber até onde a gente podia dar o passo; que é que a gente podia falar naquele momento ou não falar? Por quê? Porque nós tínhamos consciência de que aquilo era uma coisa muito importante. Se a gente conseguisse fazer uma escola séria, com pensamento crítico sério, nós podíamos montar no país um futuro centro de resistência política, e um futuro centro que pudesse fazer um combate político e ideológico ao autoritarismo, etc. e tal, mas que primeiro aquilo lá precisava germinar, precisava ter realmente uma massa crítica. E a massa crítica qual era? Era você amadurecer, pelo menos, uma ou duas turmas de graduação, era você produzir algumas teses, como era a minha tese, a do João Zácara, a do João Manuel. As três primeiras teses, daqui da casa, são uma reflexão em torno daquilo que existia. Então, a gente tinha consciência clara disso. Isso aqui não foi uma coisa ao acaso, foi uma coisa pensada.

E.: Tem pessoas que avaliam que a Unicamp teria sido criada para ser uma espécie de campo de confinamento para cientistas intelectuais que deviam produzir, mas por razões políticas da época deviam estar sobre controle político do regime militar e que, possivelmente, o professor Zeferino Vaz, ele se prestava à esse papel de ser...

WC.: Não, isso é uma visão... ingênua ou equivocada, não sei como classificar essa visão dessas pessoas, porque de maneira nenhuma ele nunca colocou nenhuma espécie de restrição política ideológica, nenhuma.

E.: Não, também pelo lado de não só... justamente por não colocar, mas que ele faria esse papel de administrador de determinada capacidade intelectual que exatamente eles deviam produzir, mas está sobre controle político do regime.

WC.: Mas que controle? Mas que controle? Eu tive a permissão de montar; se você lesse a minha apostila de "Introdução à Economia" que foi colocada em uso em março de 1970, em pleno governo Médici, aquilo é uma... é uma afronta ao regime. Hoje você vai considerar que é um texto leve, naquela época era um texto de afronta ao regime. Nós introduzimos Marx no nosso curso logo no primeiro semestre, inclusive não só Marx, depois Peter, Kenzie, Callec, Calvin, etc., o que havia de bom na teoria econômica segundo nosso entender; mas aquilo era uma afronta, se trata de... se criou um oásis para meia dúzia de intelectuais, refletir e falarem mal do autoritarismo, isso num... isso é uma visão muito caolha, muito míope do que realmente era a universidade então. Pelo contrário, nós todos estamos trabalhando "prá cachorro", digo, os vários profissionais das várias áreas por que nós estamos é implantando uma universidade.

E.: Então, o senhor atribui essa possibilidade concreta de você trabalhar à atuação do Zeferino...

WC.: Sem dúvida...

E.: ...que tinha essa visão...

WC.: Sem dúvida nenhuma, isso ele declarava de público, inclusive... é que ele era hábil, ele era hábil. Tão hábil de se manter durante quatro governadores diferentes e de se manter com o comandante da região, porque o comandante militar da região naquela época era uma espécie de governador da região, mandava... o comandante militar aqui do exército ele mandava mais do que o governador da região; então era uma coisa muito séria, nós estamos aqui com um comando militar importantíssimo que é esse... esse Quartel do Exército daqui e que na época era muito mais importante do que hoje. É a habilidade dele.

E.: Eu tenho um outro detalhe da época, que era a concepção a respeito de educação dominante no período pós 68, significa pós AI-5, pós Reforma Universitária, colocava a educação como um investimento, fundamental para o processo de desenvolvimento econômico, e o indivíduo educado como um capital, surgiu aquela teoria do capital humano, não é? Qual a sua opinião à respeito e como você situaria o papel da Unicamp neste contexto?

WC.: Aí você tem que primeiro discutir a questão da teoria do capital humano. Eu não sou adepto do capital humano; ninguém aqui do Instituto de Economia evidentemente é adepto da teoria do capital humano. Agora, evidentemente, você não constrói um país e tampouco você constrói uma produção de elites pensantes que possam se transformar amanhã em esteios de uma luta pela democracia; você não constrói isso sem educar esse povo. Então, não importa que haja defensores da teoria do capital humano, se você não educar o povo, se você não fizer uma escola séria de Humanidades que dê uma visão crítica ao cidadão, esse cidadão amanhã não tem condições de ser um crítico do sistema e, pelo menos, saber votar. Você não tem como reproduzir uma célula, digamos assim, de contestação ao regime autoritário.

E.: Agora, a teoria do capital humano na época ela orientava os investimentos do governo em educação principalmente para as áreas tecnológicas no sentido de formar mão de obra [entrevistado e entrevistador falam ao mesmo tempo palavras inaudíveis]... Isso teve alguma repercussão dentro da Unicamp?

WC.: Não, tanto é assim que nós crescemos tanto quanto cresceu a Física, ou mais... que a Engenharia ou que a Medicina ou que a Biologia. Se você pegasse uma estatística agora e dissesse: “Bom, 69 quantos professores tinham na Física, na Matemática, na Humanas e na Medicina; 75, quantos professores tinham em cada uma dessas áreas?”. O Zeferino jamais permitiu que qualquer área aqui implicasse em sacrifício de uma outra área. Ele sempre manobrou isto com uma equidade fantástica de equilíbrio dentro dessas áreas. Então, veja, em 74 nós estamos inaugurando o nosso mestrado e em 78 o nosso doutorado, então nunca houve nenhuma espécie de restrição à qualquer das áreas. Nenhuma. Então, isso aqui não houve em hipótese alguma. As áreas foram se desenvolvendo à medida que tinham gente, que tinham condições de contratar gente competente e que houvesse uma necessidade social de você montar aquilo, entende? De montar um curso, de que ...

E.: ...O fato de...

WC.: ...naquela época

E.: ...O fato de...

WC.: ... por exemplo, nós nos recusamos a montar aqui o Curso de Administração, de Contabilidade e de Direito. O de Administração estava até no estatuto inicial da Unicamp, nós nos recusamos. Por que nos recusamos? Porque existia uma oferta gigantesca de cursos de Direito e de Administração no país. Segundo, se nós fôssemos montar um curso de Administração e de direito nós teríamos que montar um curso igual ou superior ao melhor curso que tivesse em São Paulo e nós não teríamos condições de fazer isso. Então, é uma

decisão pensada e discutida em determinadas áreas e não por qualquer ato preventivo, de maneira alguma, isso nunca houve.

E.: O fato dos Institutos de Física e Biologia e Faculdade de Engenharia terem obtido uma soma mais elevada de recursos, isso aí teria sido em função de quê? Do momento?

WC.: Da natureza desses institutos. Porque, eu, o que eu gasto? Eu gasto neurônios, giz e um pouco de saliva na sala de aula, agora, um físico para dar uma demonstração de laser, ele tem que ter os equipamentos dele, o químico tem que ter o laboratório e os reagentes, e o médico, também tem que ter evidentemente os aparatos da medicina. Então, são institutos e faculdades que naturalmente demandam gastos muito mais altos do que um curso de Economia, ou de Linguagem, de Sociologia, que é saliva, giz e biblioteca; são tradicionalmente cursos mais baratos, não é? Então, evidentemente que o orçamento deles tem que ser muito maior que o nosso. Só o que gasta a Química de reagentes deve ser tanto quanto ou mais do que gasta a gente em biblioteca e é natural que assim seja, são cursos de naturezas diferentes, então nunca houve essa espécie de restrição. Inclusive, nós tivemos também projetos de pesquisas financiados, pelo... o que era o "Funtec" na época, pelo BNDS, para a montagem do nosso mestrado nunca houve restrição.

E.: Professor, ainda dentro dessa pergunta; com relação ao papel dos governos federal e estadual em relação a autonomia acadêmica, política, financeira e administrativa da universidade. Houve algum tipo de interferência, ou a universidade...

WC.: Que seja do meu conhecimento, não. Não e como eu disse à você, a FINEP... o dinheiro que a FINEP colocou na Unicamp, substancialmente na Física, e de certa forma também na Química e na Engenharia, não é nada desprezível, enquanto a Unicamp, em certo momento, tem um orçamento que é "fifth fifth". "Fifth" de recursos públicos com o governo do estado e "fifth" de convênios, de financiamentos de pesquisas de vários órgãos dentre os quais a FINEP era o mais pesado de todos, o peso foi muito grande; porque, por sorte, também nesses órgãos ficaram pessoas que tinham um certo compromisso com a ciência ou com o desenvolvimento tecnológico do país. Não importa se o cara é adepto da teoria do capital humano, se ele está financiando o desenvolvimento de um bom laboratório, de um bom curso, você vai produzir gente; você vai produzir gente para trabalhar na General Motors ou na IBM ou numa fábrica de capital nacional. Acho que isso até é relativamente irrelevante discutir. Você está é formando quadros no país, quadros de pessoas qualificadas para exercer suas funções.

E.: Então, o senhor considera que a Unicamp tinha autonomia financeira, tinha autonomia administrativa...

WC.: Nesse sentido acho que sim porque, inclusive, era o período de "vacas gordas" então não havia discussão; nas "verbas magras" que vai existir à partir de 76, é claro.

E.: Certo. Do ponto de vista acadêmico também?

WC.: Nunca senti nada, nunca que eu apresentei qualquer projeto de pesquisa eu sofri qualquer tipo de restrição dessa natureza, e eu posso dizer à você que, inclusive a gente entra... nós no caso da Economia, nós entramos logo para a Associação Nacional de Pós-Graduação de Economia, que era... é uma associação formada pelos vários centros de pós-graduação no país, onde ali vale tudo, desde a Fundação Getúlio Vargas no Rio, que é a escola mais tradicional e mais à direita, até nós que, digamos assim, estamos mais à esquerda dos diversos centros de pós-graduação no país, e nunca nós sofremos qualquer tipo de restrição, no recebimento de auxílio, no financiamento de pesquisas, etc.

FITA 2 - LADO A

WC.: ... em absoluto, [eu tenho para você aquilo]¹⁴ que eu estou testemunhando. Se existem fatos em contrário eu os desconheço; é possível que você ao entrevistar alguém da Física, da Química, da Matemática, eles possam te dar outro tipo de depoimento porque eles conhecem outros casos que eu desconheço.

E.: E em relação à vida política da universidade, também o senhor considera que não houve... como é que o senhor colocaria a questão da interferência na política de governo?

WC.: Eu acho que salvo a gestão desastrosa do Paulo Maluf... [falas simultâneas incompreensíveis do Professor Wilson e de Eloi] ...todos os demais governos...

E.: No período Zeferino.

WC.: No período Zeferino... acho que todos os demais governos deram asas para que a Unicamp fosse em frente, não houve restrição nem orçamentária nem, que eu saiba, restrição de índole política e ideológica.

P: Certo.

WC.: Nunca percebi isso.

¹⁴ Frase mais aproximada do que foi possível ouvir

E.: Desse período que nós estamos trabalhando, é, 66...

WC.: Inclusive, veja, passada a fase negra que é o governo Médici, na fase Geisel todo mundo já se ouriça porque já há um discurso oficial à respeito de uma tal de abertura, não sei o quê, não sei o quê lá, então todo mundo se ouriça: deputados que outrora eram conservadores, ou governadores, começam a se ouriçar porque sabem que atrás disso vem abertura para eleições, para novas representações, está certo? Então, o sujeito, não está na hora dele brigar com a universidade, de impor restrições ideológicas, pelo contrário, está na hora de começar a formar alianças.

E.: Professor, desse período que nós estamos trabalhando de 66 até 78, dentro do professor Zeferino, qual era a sua visão na ocasião a respeito da educação e particularmente do ensino superior no Brasil.

WC.: Bom, nós tínhamos a visão, primeiro que era uma... era realmente um ensino de elite porque a percentagem da população brasileira que freqüentava a universidade era ínfima... número um e número dois... Tínhamos plena consciência de que o governo autoritário abriu para o setor privado, de que isso ia ser uma política desastrosa... desastrosa. Nós éramos defensores do ensino público, porque achávamos que realmente uma universidade não tem sentido ser uma instituição do direito privado. Não tem condições de se desenvolver, de prestar aquele tipo de serviço. Então nós tínhamos clara consciência disso, desse fenômeno, e batalhamos pelo crescimento do ensino público.

E.: Certo. Ainda sobre esse período, como você via o papel da universidade brasileira e, em particular, da Unicamp, no processo de desenvolvimento do Brasil? Considere a questão do utilitarismo da pesquisa científica e tecnológica e o seu reverso; ou seja, a geração de conhecimento humano e a criação de ciência e tecnologia devem ou não estar atrelados ao desenvolvimento, que era uma grande discussão da época.

WC.: Eu acho que sim. Eu acho que se você quer ter um país desenvolvido, moderno, e por trás disto você tem que entender que quando se fala de um país desenvolvido e moderno, a gente tem que entender não apenas um país que tem fábricas modernas, que usa tecnologia de ponta, mas é um país que pensa moderno, um país que tem uma sociedade modernizada. É um país que deu mais ensino, deu mais educação para todos, deu mais oportunidade, elevou os níveis de vida da sua população e tem uma prática política moderna; então, nesse sentido, é assim que se deve pensar; digamos assim, a proliferação dessas coisas, não apenas pensar "stricto sensu" no problema tecnológico em si, mas pensar uma coisa que contagie a sociedade como um todo. Qual é a discussão que nós fazemos, hoje? O que que é o temor do país? Não acompanhar o ritmo da tecnologia e da modernidade de hoje? Que não é apenas o fato de você ficar com fábricas tecnicamente

ultrapassadas e que não tem mais competitividade no cenário internacional. É você atrasar culturalmente a sociedade e isso é uma coisa muito perigosa, você não modernizar a sociedade, não mantê-la viva, incorporando, crescendo, fazendo crescer a qualificação, os requisitos de qualificação da pessoa, etc. Isso é um perigo muito grande de você entrar num processo de regressão, que não é apenas uma regressão econômica e técnica, mais uma regressão política e social, o que está se passando nos países hoje do Cone Sul, notadamente a Argentina. É nesse tipo que a gente via e vê as coisas.

E.: Certo. Ainda com relação à essa... uma discussão mais calorosa que existia na época em relação à universidade, principalmente em função da Reforma Universitária, que colocava... postulava que a universidade deveria se modernizar e atender a necessidade de formação de mão de obra e se possível até, como alguns colocavam, a universidade deveria ser... e só poderia nos países subdesenvolvidos... seria a única Instituição capaz de diminuir ou de eliminar o "guepe" entre a ciência e a tecnologia que se praticava nos países centrais e nos países de terceiro mundo, não? Então, em relação à Unicamp dentro do projeto de ser uma universidade voltada para pesquisa avançada, que essa era uma proposta basilar da Unicamp, você acha que ela reproduziu um modelo muito comum dos países subdesenvolvidos de ter a formação de cientistas e técnicos, inclusive através de bolsas de estudo no exterior, voltadas para a realidade dos países adiantados, ou apenas para os interesses das camadas privilegiadas da sociedade, que era o que muitos críticos do sistema, dizem...

WC.: Eu me lembro dessa discussão e dava-se até o exemplo da Argentina em que voltavam físicos, engenheiros de computação, engenheiros de eletrônica... argentinos voltavam e não tinham absolutamente nada a fazer na Argentina. Por quê? Porque já era uma Argentina que estava em crise. Agora, o Brasil é diferente. O Brasil conseguiu avançar seu processo de industrialização; então nós temos um momento de uma conjunção em que há o aumento negro do autoritarismo que é o governo Médici e um crescimento econômico mais acelerado que é a época do milagre, o que ia continuar o processo até 76. Então, o que é que sucede aí? Sucede que nesse período denominado "milagre econômico" você está transformando a sociedade material brasileira. Você está reformulando os padrões da industrialização, está aprofundando essa industrialização, está modernizando inúmeros setores produtivos, você está inventando setores novos, você está inventando fabricação de avião, de tanque de guerra, de míssil balístico, de computação, de uma série de coisas. Você está inventando no país, então... isso te demanda o quê? Tem uma série... isso exige uma fome tremenda de pessoal qualificado. Então, não é uma coisa alienada porque o país está exigindo essas coisas; você não teve um problema argentino, você forma quadros e para quê? Então, era reproduzir... era exatamente reproduzir o padrão dos países desenvolvidos. Hoje nós temos consciência de dizer isso

claramente porque nós temos um passado para olhar e poder ver como foi a história. Mas, o que é que significa a década de 1970? Significa que depois dos Estados Unidos esgotar o seu padrão de desenvolvimento econômico, esgotar o chamado "american way of life", que ele esgota isso no final da década de 60. Na década de 70 surgiu a brecha para que? Para Europa Ocidental, notadamente para Alemanha, Japão, e três ou quatro países subdesenvolvidos; mais tarde você diria que era a Coreia, o Brasil, o México, que foram países que penetraram nessas brechas de desenvolvimento industrial assimilando parte dos padrões técnicos daquele mundo. Na década de 70, portanto, ao mesmo tempo é a modernização dessas economias, mas é também o esgotamento do padrão de crescimento para elas. Esgota tudo. Na década de 70 "fecha o tempo" e se entra na década de 80 como um período de transição que é a reestruturação internacional que está se processando agora e o caso de como esses países que se engancharam nos anos 70 como é que eles vão pegar ou não vão pegar esse tal de "bonde da história". Vão se modernizar ou não vão se modernizar? Essa é que é a questão. Então, no Brasil você não teve esse conflito, pelo menos não em escala ampliada, pode se ter tido com um ou outro cientista que não pôde usar aqui as coisas que ele lá aprendeu.

E.: Então, o senhor poderia dizer que, em relação à Unicamp, ela também se beneficiou disso daí no sentido...

WC.: Extraordinariamente, porque ela teve mercado de trabalho para os seus formandos. O pessoal ganhou tanto mercado interno dela própria, porque ela cresceu e acabou incorporando mais professores, pesquisadores, quanto esse mercado, que surgiu aí com a industrialização. Então ela formou tecnólogo de alimentos, químicos, biólogos, médicos, físicos, engenheiros que tiveram colocação a salários estupendo no mercado; hoje nós estamos em crise, mas naquela época esse pessoal teve excelente colocação. Vários se transformaram em pequenos empresários, você conhece uns aí, na Física, na Engenharia. Então, aí a conjunção deu...

E.: professor, qual era a sua posição na época sobre a proposta da Unicamp ser uma universidade inovadora em relação ao ensino e à pesquisa?

WC.: Minha proposta porque é idêntica, porque justamente eu vinha já de uma vida profissional, eu já tinha tido reflexão, já tinha sido professor, eu sabia o lado "podre" nas escolas de Economia do país. Conhecia muito bem isso, tanto é que nós estávamos no Rio antes de vir para cá, um grupo de professores, alguns que vieram para cá também, nós estávamos programando a montagem de uma Faculdade-cooperativa de Economia no Rio de Janeiro com uma estrutura diferenciada em relação às demais para tentar justamente sanar esse mau curso de Economia que era dado e esse curso alienado, sem essa coisa toda da Ciências

Sociais... Nós tínhamos consciência disso e é por isso que a gente veio para cá. Naquela época você tirar alguém do Rio de Janeiro para vir para Campinas, o sujeito começava a dar risada. Diz: “Como você vai trabalhar no interior?” Era assim que as pessoas conversavam comigo. Eu dizia: “Não”, era uma oportunidade de ouro, não é?

E.: Professor, eu vou prosseguir nas perguntas, o senhor pode até reparar que de certa forma a gente está repetindo alguns temas, mas não tem problema. Até justamente para dar oportunidade de o senhor se manifestar de outras formas [**WC.:** Tudo bem, claro.] sobre os assuntos que são complexos. Sobre a proposta da Unicamp colaborar na formação de recursos humanos, de que necessitava o processo de desenvolvimento econômico e social do Brasil, considerando que no período da fundação [inaudível] predominou a "ideologia do desenvolvimento". O senhor já manifestou a sua concordância, mais alguma coisa?

WC.: Bom, eu quero dizer o seguinte: nós estávamos engajados numa luta pela democracia, ou, pelo menos, numa postura anti governo/autoritarismo, não é? Agora, você tem que ter, nesses momentos da sociedade, também uma visão crítica e entender o seguinte: que você tem que formar físicos e engenheiros para acionar o parque produtivo do país, para desenvolver o país; se não fizer isso, a tua democracia... você vai ter democracia, mas quero saber como é que você faz: prego, parafuso, locomotiva e televisão; você faz com o quê? Você tem que ter gente que saiba fazer isso, você tem que... se você quer fazer um programa social amanhã de uma medicina avançada que dê conta dos problemas das bases da saúde pública no país, você tem que formar mais médicos. Você pode discutir como formar esses médicos, se vai voltá-los mais para uma medicina curativa ou uma medicina social ou uma medicina pública; nesse tipo de discussão que fica, ou seja, como é que você monta essas escolas. Eu acho que no caso da Unicamp ela não formou exatamente engenheiros e físicos para irem trabalhar na General Motors ou na IBM. Ela teve concepções de cursos de pesquisas de pensar coisas em escala um pouco maior, em escala mais aberta, uma coisa mais pensada mais socialmente. Foi uma pena que foi um azar desgraçado a coisa da medicina preventiva, porque a medicina preventiva, naquele momento - isso foi uma das brigas de Zeferino - é assassinada a Medicina Preventiva. Por quê? No meu modo de ver, posso estar errado, e se você tiver oportunidade de entrevistar alguns dos remanescentes você vai poder botar em discussão essa questão, era um grupo jovem demais na Medicina Preventiva... naquela época, na Faculdade de Medicina, que tinha um raio de manobra dentro dos limites que o autoritarismo te impunha. Evidentemente é claro que você tinha limites, não podia ficar falando determinadas coisas pela imprensa afora que você ia preso naquela época. Então você tinha limitações, é claro que tinha limitações. Agora, eles se excederam demais, eles não souberam como nós, não tiveram a

serenidade, acho eu, ou a maturidade política como nós, para pensarmos que as coisas que eles estavam fazendo eram extremamente relevantes e que aquilo tinha que ser preservado à qualquer custo, que aquilo ia ser uma coisa importante no futuro, e lamentavelmente eles não conseguiram preservar aquilo. Aquilo então se arrebentou e deixou de ser pelo menos um Departamento de Medicina Preventiva que a gente pensava que poderia ter sido no passado... por melhor que ele possa ser hoje, por melhor que possam ser as pessoas que estejam hoje no Departamento de Medicina Preventiva, perdeu-se uma oportunidade de ouro naquele momento. E às vezes, por azar, as pessoas não se dão conta exatamente disso, e às vezes o voluntarismo, a imaturidade política, as pessoas conduzem elas com facilidades, são coisas que amanhã elas vão pagar um preço alto. A pessoa mais insuspeita aí é o Sérgio Arouca. Você pode... se tiver a oportunidade de conversar com ele. Eu discuti muito com o Sérgio Arouca naquela época estas questões.

E.: O que você achava da proposta inicial de instalação de institutos centrais, que era a proposta da Unicamp, e a abolição da cátedra em favor do departamento?

WC.: A implantação de institutos centrais é uma forma em que a universidade pretendia dar a sua marca. Realmente, era uma estrutura mais pesada de pesquisa e de ensino centrais. Quanto à abolição da "cátedra" ela decorria de lei que era a Reforma Universitária. Não é uma concepção nata da Unicamp, é uma coisa que vem de cima para baixo que é a Reforma Universitária.

E.: É porque o projeto da Unicamp ele já previa... o projeto da criação da Unicamp, que deu origem à lei 7655/62 ele é anterior à extinção da cátedra, não é?

WC.: Não...

E.: Quer dizer, era uma idéia que já vinha...

WC.: De quando é a lei que sanciona o primeiro estatuto da Unicamp?

E.: Ela é de 69. É posterior. Mas essa idéia... essa idéia de criação dos institutos, ela já vem... inclusive ela já existia na Universidade de Brasília...

WC.: Dos institutos?

E.: Dos institutos.

WC.: Dos institutos sim...

E.: Já se falava e algumas pessoas já acompanhavam com crítica em relação à cátedra; existia uma crítica ferrenha [WC.: Sim] na época por parte... uma das pessoas que mais propagavam a crítica era o professor Florestan Fernandes [WC.: Sim, é] isso já no projeto da Unicamp já existia; na verdade ele só se concretizou depois com a vinda do Zeferino, antes disso não se fez absolutamente nada.

WC.: Nada. A universidade inexistia, digamos assim. Você era um arremedo da Faculdade de Medicina funcionando perto da Maternidade¹⁵ e um arremedo da Faculdade de Engenharia na...

E.: Agora o que aconteceu...

WC.: A verdade era essa.

E.: ...com o sistema universitário em geral no Brasil foi que a Reforma Universitária privilegiava a centralização das então escolas isoladas em universidades; quer dizer, a conjunção disso aí com o autoritarismo acabou gerando um domínio total do governo sobre o sistema universitário, enquanto os sistemas das escolas isoladas... havia aquela crítica, as escolas isoladas não cumpriam o papel que a Univer... que a instituição universitária deveria cumprir

WC.: Que a universidade...

E.: ...mas por outro lado aconteceu isso; a Reforma Universitária incentivou a centralização e a centralização ela foi utilizada politicamente pelo Regime para na verdade sufocar o papel que a universidade deveria cumprir dentro da sociedade, não é?

WC.: Agora, a coisa da extinção da cátedra... eu acho que a extinção da cátedra se tem um lado positivo porque extingue a... uma coisa que centralizava demasiadamente o poder nas mãos de um catedrático, tem esse lado positivo; tem um lado negativo, porque o quê você inventou substituindo a cátedra pelo departamento, ninguém sabe quem manda, você não tem mais responsabilidade a atribuir a ninguém. E essa minha crítica, que eu faço. É o que eu chamo de democratismo na universidade. Por quê? Se existem três instituições onde a democracia tem que ser muito bem pensada neste mundo são: as Forças Armadas, a Igreja e a Universidade. Essa é a minha opinião. Não tenho nenhum receio de externar ou de escrever sobre ela. Ou seja, você arrebentou com o sistema autoritário, que era a "cátedra", então você tinha que mudar aquilo; agora, você não substituiu aquilo por nada, porque no departamento hoje, o que acontece no departamento? Você não sabe mais quem manda. Não tem mais responsabilidade. Então, se eu sou um

jovem professor não tenho mais a tutela de ninguém. Eu praticamente não tenho à quem dar satisfação sobre a qualidade da minha aula, sobre o programa, sobre a bibliografia que eu dou.

E.: Mas isso não seria um problema de organização em si e sim da forma como ela é praticada?

WC.: Da forma que ela é praticada. Sim, mas é uma ilusão que você... você... estou dizendo que é uma ilusão; que se de um lado é positivo que você arrebenta com uma estrutura que é inequivocamente autoritária e centralizadora, você extingue a "cátedra", isso é um lado positivo; o lado negativo é que você não criou nada que pudesse preservar o bom lado da "cátedra", que era, pelo menos, uma definição hierárquica de responsabilidades e você obrigar as coisas a de fato serem discutidas. Hoje não, você não tem mais as responsabilidades tão atomizadas e tão diluídas que você está nesta mixórdia que você não sabe mais quem deve dizer as coisas, porque o sujeito aí apela para a palavra democracia e liberdade de "cátedra"; você extinguiu a "cátedra" mas continua a usar a expressão: a "liberdade de cátedra" não é isso? Então você usa esse palavrório, a "liberdade de cátedra" e você dá o que quer, dá como quer. Então se está hoje... que é a crítica do... que o filósofo lá, o...

E.: O Gianotti¹⁶?

WC.: ...o Gianotti faz da universidade, que é a crise da universidade. E se ela continuar assim vai chegar uma hora que realmente eu não sei o que vai ser da universidade. Ela vai acabar. Ela vai fatalmente acabar! Porque a universidade não fez uma crítica interna e ela se recusa a fazer [inaudível] os depoimentos das Associações de Docentes quando se discutiu a questão da avaliação e da crítica à produção universitária; o pessoal quer ter a liberdade dele fazer a crítica nesse momento, mas que diabo de democracia é essa? Em que você se esconde e não permite que a sociedade critique? Isso não é democracia, isso se chama... tem outro nome: corporativismo, preservação do seu emprego, enfim, luta pelos interesses particulares, o que quer que seja. Com isso você foge, então você entrou num vazio e a universidade vai ter que se encontrar em algum momento. Ela vai ter que reexaminar essa questão. Porque senão [o entrevistado bate palmas] eu não sei para onde é que vai.

E.: Professor, qual era a sua opinião sobre a proposta de centralização/integração das atividades de apoio administrativo e acadêmico que foi o modelo Unicamp, ou seja, atividades de finanças, orçamento, pessoal,

¹⁵ Maternidade de Campinas

¹⁶ José Artur Gianotti, sociólogo, professor da Universidade de São Paulo e pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP).

compras, controle de matrículas; estava tudo, foi tudo centralizado; isso aí visava maior racionalidade na administração. Qual era a sua visão? O senhor concordava?

WC.: Eu acho que em determinadas coisas a centralização ela é positiva; ela é realmente... dá maior eficiência, maior agilidade. E outras não tem nem porque... eu acho, por exemplo, como diz você, as compras, que hoje estão um pouquinho descentralizadas, segundo eu tenho sido informado, mas o problema é que junto com isso vem a burocratização, este é o "galho". Quer dizer, toda a crítica do socialismo hoje qual é? É de ver como é que você arrebenta com a esclerose da burocracia do Estado, está certo? E você bota aquilo para funcionar com democracia do socialismo; esse é o cerne da briga do socialismo hoje. Da mesma forma a universidade, se você centraliza, isso não quer dizer autoritarismo, centralização, é um ato administrativo; agora você criou a esclerose. O serviço do aluno sempre funcionou à contento, você nunca teve uma greve de alunos contra o serviço de alunos, sempre funcionaram bem; fazem as matrículas, as notas, etc., você nunca teve nenhum movimento grevista nestes 21 anos de universidade, eu nunca vi uma reivindicação de aluno pela descentralização do serviço de alunos. Mas nesses 21 anos eu sempre ouvi todo mundo gritar contra as centralizações das compras, no departamento pessoal que centraliza tudo e a burocracia e os processos que não andam, etc. Então, você veja, tem coisas que funcionam bem até hoje, em que pese a universidade ter crescido consideravelmente, e outras não, e outras pioraram sensivelmente. Elas pioram porque se permitiu, realmente, que a máquina se esclerosasse.

E.: Na sua opinião, o que é que teria permitido isso?

WC.: Você não modernizou os processos e entupiu a universidade de gente, o que você fez em todo o serviço público brasileiro, todo. As prefeituras municipais, os governos estaduais, nas estatais e nas repartições federais, ou seja, é um traço característico desses últimos dez anos. Entupiu a universidade de gente.

E.: Quer dizer que significa que a administração não se modernizou em termos de métodos.

WC.: Não, piorou muito, piorou muito porque você vai entupindo de gente e o teu processo tem que passar por toda essa gente.

E.: Quer dizer que na sua opinião a questão da centralização versus descentralização...

WC.: Ela não é má em si. Ela não é má em si, repito. Eu acho que tem coisas que devem estar centralizadas e outras coisas que devem estar descentralizadas. Agora, aí você tem que dar as responsabilidades,

responsabilidades civis inclusive. Se você quer descentralizar as compras eu tenho que ser um diretor responsável. Juridicamente responsável, inclusive pelos erros que eu eventualmente cometer; não é só descentralizar o poder; você tem que trazer as obrigações também... não é?

E.: professor, a gente normalmente conceitua como administração universitária - porque existem vários conceitos, não é? - mas nós conceituamos administração universitária como esse conjunto de atividades de suporte que seriam as chamadas...

WC.: Atividades acadêmicas

E.: ...é, as atividades acadêmicas. Qual na sua visão, a importância dessa "Administração Universitária" em relação às atividades acadêmicas? E que... a pergunta é na verdade... é para saber sua visão sobre qual deve ser o âmbito de atuação, os limites dessa administração universitária.

WC.: Bom, a centralização traz um defeito em si mesma; é que ao centralizar você padroniza e ao padronizar você quer tratar de uma mesma maneira coisas tão diferentes quanto uma pós-graduação de medicina ou em violino, ou em mecânica quântica, enfim. E este é um lado negativo da centralização porque você monta sistemas suficientemente flexíveis para equiparar tudo isso. Isto é um problema que tem que ser pensado, não é? Então, a centralização é muito ruim nesse sentido, porque aí você também... com a centralização vem a burocratização; é um sujeito que senta ali e quer usar a norma sem olhar; o problema de você examinar um aluno que toca violino é diferente de olhar um médico que vai operar coração ou de um engenheiro eletrônico. Essas coisas tem que ser olhadas diferentemente e um olhar diferente significa que você tem que desenhar políticas diferentes. Políticas de dialogação de bolsas de estudo, por exemplo, política de alocação de monitores, de equipamentos, de bibliotecas. Se você rotiniza a coisa e centraliza tudo, você realmente deixa essa coisa ao sabor de uma rotina, este é o perigo maior que você tem na centralização. Tem coisas que independem disso: serviço de registro de alunos, se independe disso, isso é um problema de você ter um programa de computador e gente séria e eficiente até centralizar tudo, não tem porque você descentralizar isso, não precisa. Agora, as outras coisas é que tem que passar por um crivo de discussão mais amplo; senão como é que você vai julgar se dá dez bolsas para a Artes ou vinte e cinco para a Física? Qual é o árbitro que vai determinar uma rotina; não é rotina. É uma discussão que evolui quando a política da universidade se coloca, perante as necessidades da sociedade.

E.: Isso aí é o que nós chamaríamos de atividade de planejamento. Então sobre isso, a gente consideraria que os problemas que a Unicamp enfrenta hoje, acho que é pelo fato dela não ter... as suas sucessivas

administrações não terem levado em conta primeiro, que a Unicamp, é uma organização complexa e que ela exige uma administração baseada em padrões de gerência científica, aonde se inclui a questão do planejamento. [WC.: Sim] Como é que você encara essa questão dentro da universidade? Porque existem pessoas que são absolutamente contra qualquer discussão desse tipo, de planejamento.

WC.: Não, eu acho que se você tem um fórum democrático para discutir qual é o destino da universidade, você tem um fórum democrático para discutir se a universidade deve implantar um curso noturno e em que áreas, ou não deve implantar curso noturno; se deve o Hospital passar por um enxugamento, ou não deve passar por um enxugamento; se o ensino deve ser pago totalmente ou parcialmente, por exemplo; se o preço do restaurante tem que ser atualizado ou não atualizado. Essas questões tem que passar por um fórum democrático de discussão, mas um fórum sério, e nem é problema apenas de você montar um assembleísmo e discutir pelo mais fácil porque você vai com isso receber a chancela dos funcionários públicos, a chancela dos estudantes, dos dois, enfim. Então, eu acho que o planejamento, o planejamento em si é neutro. Ele em si é neutro, desde que concebido de uma forma séria e democrática de discussão dos problemas reais da universidade; aí você tem que tomar as decisões porque se não vira uma bandalheira; eu aumento mais setenta vagas para mim e o cara lá que não quer ficar atrás também aumenta cinquenta dele, o outro da Química também quer aumentar mais cinquenta vagas para ele, enfim, aí vira uma bandalheira. Vira uma bandalheira se você não... por exemplo não programa com seriedade a expansão física da universidade, os edifícios, os prédios, etc., cada um quer ter um prediozinho, depois vou encher com que me der na veneta. Bom, isso é uma forma antidemocrática, é falsamente democrática de se dar essa liberdade. Por quê? Porque você está gastando recursos públicos. Você tem que consultar a população se pode fazer esse prediozinho para nada. Isso é um... democratismo.

FITA 2 - LADO B

E.: No período do professor Zeferino Vaz, ele não pensava nessas coisas. Ele administrava uma universidade e na opinião acho que quase unânime, ele fazia isso com absoluta maestria. Então ele era o órgão executivo, era o órgão planejador, tudo. Mas ele po... teria deixado talvez [riso] uma herança maldita pelo fato de não ter organizado esse tipo de coisa. O seu comentário sobre isso.

WC.: Ele não era o órgão planejador propriamente dito no sentido de planejar a academia, porque, por exemplo, nós levamos a ele o nosso projeto. Você pode dizer: "Bom, então vocês tiveram a felicidade de que ele se pôs de acordo com o projeto de vocês"; talvez, pelo fato objetivo que ele não meteu o dedo no nosso projeto, ele não disse que o nosso projeto devia ser assim ou assado. Nós fomos, discutimos, apresentamos nosso plano e ele aprovou. Eu imagino que com a Física deve ter acontecido a mesma coisa, com a Engenharia, com a Engenharia de Alimentos, que o Tosello, apresentou lá o projeto na cabeça dele e então... nesse particular ele metia o dedo se você fosse com a contratação de um cara que não tivesse currículo. Você não levasse isso para ele! Não levasse isso para ele! Está entendendo? Ele centralizou a administração. Essa foi centralizada, realmente, ao limite; e isso gerou uma herança muito... muito má. Realmente uma herança muito terrível; para consertar isso é difícil. Você solidifica interesses de funcionários, da burocracia; isso é um negócio muito complicado, não é? Esse é um, digamos assim, uma herança negativa... herança negativa. Agora, que você pode resolver isso daí com uma reforma administrativa, pode ir resolvendo isso. Se não resolve isso em dois anos, resolve em cinco isso. Vai diminuindo de uma forma branda, não precisa botar na rua 5000 pessoas; vai num processo lento de ajustamento, de ir modernizando a universidade e ajustando. Uma coisa indolor, digamos assim. E isso tem que ser feito na universidade, do jeito que a universidade chegou, é inviável, não se maneja mais. Então, tem esse lado negativo.

E.: Bem, professor nós estamos já com uma...

WC.: Isso também é culpa um pouco dos docentes. Por quê? O corpo docentes também tem um ranço elitista. O corpo docente não quer manchar a mão nas chamadas atividades administrativas, isso é para gente que não pensa. Burocracia... isso não é comigo; professor não quer encargos administrativos: "não, isso é uma coisa... é um menosprezo para o meu intelecto", não é? Bom, evidentemente que você ao tomar uma atitude dessa, a máquina burocrática avança e tomam conta do pedaço.

E.: E na verdade...

WC.: E cria um poder paralelo.

E.: Na verdade docentes têm... tem os diretores de institutos, chefes de departamento, são funções administrativas.

WC.: Claro, claro, exatamente.

E.: Algumas pessoas, inclusive alguns dos entrevistados com quem já conversei, falam dessa questão, em relação ao período do professor Zeferino; que ele... na verdade ele usava essa questão da centralização e do poder que a administração criou com o tempo, ele usava isso como um instrumento político para...

WC.: De poder?

E.: De poder.

WC.: Talvez. Talvez. Eu não sei se isso foi intencional ou se a partir de um momento ele percebeu isso, mas é realmente; esse poder era, pelo menos usável. Era possível de se usar, sem dúvida nenhuma. Não sei se foi intencional ou não foi intencional, não tenho condições de dizer à você.

E.: Professor, nós estamos exatamente no meio da nossa entrevista. Eu tenho usado esse procedimento de dividir por causa do cansaço. O senhor está de acordo?

WC.: Estou de acordo. Numa próxima então?

E.: Numa próxima. Então a gente encerra por aqui essa primeira parte. Continuamos...

WC.: Está perfeito!

FITA 3 - LADO A

E.: Hoje são 29 de setembro de 1989. Estou aqui no Instituto de Economia, na sede da Fecamp, na presença do professor Wilson Cano para dar continuidade à entrevista cuja primeira parte nós efetuamos no dia sete de agosto passado. Bem... nós havíamos parado na pergunta número 16 que eu passo a formular: professor Wilson Cano considerando a idéia de que toda organização complexa, e como tal a Unicamp, deve ser administrada de acordo com princípios e padrões de gerência científica, incluindo-se o princípio do planejamento, como você julgaria a realidade da Unicamp no período que nós estamos analisando que é o período da gestão do professor Zeferino Vaz... julgaria sob esse ponto de vista. Eu pediria que citasse exemplos do que havia ou do que deixava de haver em termos de administração.

WC.: Bom, em termos gerais a administração da universidade ela era fortemente centralizada nas mãos do reitor, que efetuava algumas delegações, mas que também eram, digamos assim, sub-centralizações. Por exemplo, toda a parte administrativa também estava fortemente centralizada apenas na mão do coordenador geral da administração. Isso tem seu lado positivo e tem seu lado negativo; tem seu lado positivo pela seguinte razão: primeiro que a universidade estava em formação e implantação. Inúmeras unidades estavam apenas no papel. Por exemplo, nós não tínhamos o nosso prédio, fomos ter nosso prédio a partir de 1972, o primeiro prédio do IFCH¹⁷, se não me falha a memória. Então, várias unidades estavam ainda em... sub-locando, alguns prédios empre... [pequeno trecho com gravação prejudicada] formação e uma universidade tem um [inaudível] político complicado, como era esse momento político da repressão; ela não poderia passar por um planejamento, digamos assim, mais racionalizado, mais detectável. Porque? Bom, primeiro porque justamente o reitor naquele momento estava buscando pessoas, trazendo, convidando, implementando cursos, etc.; segundo que a universidade não contava com uma dotação orçamentária que fosse compatível com aquilo que muito provavelmente estava na cabeça do professor Zeferino Vaz, que era a consolidação da universidade. Então, esse orçamento, ele tinha que ser negociado anualmente a duras penas, qualquer que fosse o governador, qualquer que fosse o secretário de fazenda, planejamento, quaisquer que fossem as influências políticas que gravitassem em torno dessa questão; o reitor, e qualquer que fosse o reitor, ele teria que fazer um duro processo de negociação para obtenção dos recursos. Então, você veja que era uma coisa, eu diria quase que artesanal a montagem da Unicamp... foi quase que artesanal. O Zeferino, inclusive, ele tinha uma frase que ele gostava muito de usar e ele dizia sempre para todo mundo... ele dizia: “Uma universidade não se constrói com prédios, mas sim com homens”. E, realmente, se eu disser para você onde que seria mais tarde o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - depois Economia - começou a trabalhar, era motivo de piada. Era uma antiga estrebaria que tinha no Colégio Culto à Ciência, que o Zeferino botou um cimento no chão, trocou umas portas por onde passavam cavalos para poder passar gente e nós ficamos trabalhando lá seis meses debaixo de um calor infernal e as nossas mesas de trabalho eram aquelas carteiras... antigas carteiras de estudante de grupo escolar de primário, que tem aquele buraco para botar o tinteirinho, etc; que dizer, era realmente improvisação em cima de improvisação com que se trabalhava, e assim foi feita a Unicamp. Isso não apenas afetou a nós: afetou a Engenharia, afetou a Biologia, afetou a Medicina. A Faculdade de Medicina antiga, antes de mudar aqui para o hospital, o apelido dela era de “Vietnã”, porque era uma Santa Casa de Misericórdia, onde foram se superpondo quatinhos e emendas de madeira. Era uma coisa fantástica! Mas se não fosse assim a universidade não teria atingido o que atingiu hoje. Então, resumindo: não tinha um

¹⁷ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

planejamento a rigor, o que se pode chamar de planejamento. As coisas eram por dia a dia, por negociação. Na cabeça dele e na cabeça das pessoas que ele trouxe para cá, as coisas estavam, digamos assim, assentadas. Por exemplo, se você vê o processo de constituição do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, que antes chamava-se DEPES - era Departamento de Planejamento Econômico e Social - ali está a nossa trajetória, o que é que a gente pretendia. Montar um curso básico de graduação, e depois da graduação a pós-graduação, etc. Nesse sentido, claro que havia o planejamento, ou seja, as pessoas que estavam à testa da implantação das unidades, elas tinham na sua cabeça... e tinham projetos. Inclusive projetos escritos e que, seguramente, estão nos arquivos da universidade.

E.: Então a sua visão é que havia um certo planejamento, um planejamento adequado na área acadêmica, mas não na área organizacional.

WC.: Não. Nem organizacional, nem nos recursos financeiros; aquilo era conquistado porque nós tínhamos enfim um reitor com um trânsito político fantástico. Ele tinha um trânsito [inaudível]. Tanto é que você veja que ele atravessou vários governos estaduais, ele se defrontou com vários secretários de educação, com vários secretários de planejamento e de finanças. E ele, com a habilidade que lhe era inata, ele conseguiu sobreviver a isso tudo, o que não é uma coisa fácil.

[pausa]

E.: Ainda sobre esse tema eu lhe perguntaria, e isso parece... a sua idéia, ela coincide com a idéia das outras pessoas que eu entrevistei, de que a centralização... o modelo centralizado que o professor Zeferino implantou foi adequado a esse período. Agora, o senhor consideraria que... que tipo de repercussões que esse modelo teve posteriormente com o crescimento da universidade?

WC.: Muito... muito ruins, porque evidentemente isto vai encastelando pessoas, vai criando conflitos, porque evidentemente uma organização quando estou eu e mais quatro ou cinco eu resolvo todos esses problemas no cafézinho ou na hora do almoço, na hora da janta. Mas depois que uma organização passa de cinco para cinquenta pessoas, com cursos, com alunos, e que passa a ter uma vida orgânica mais complexa, então, aí evidentemente, você tem que implantar um sistema de administração mais eficiente, mais moderno e coetâneo com as necessidades daquele órgão que se tornou complexo. Isto demorou muito na Unicamp... demorou muito e tanto é que a transição do Zeferino Vaz para o Plínio¹⁸ foi uma transição bastante dolorida neste sentido, porque ali todos os lados negativos foram explicitados e

¹⁸ Plínio Alves de Moraes, reitor da Unicamp de 1978 a 1981.

nenhum dos positivos a partir daquele momento; porque inclusive com a saída do Zeferino - era uma personalidade muito forte, que centralizava as coisas e que tinha conhecimento sobre as coisas - essa transição teria que ser dolorida, a menos que ela tivesse sido programada; ela não foi.

E.: A questão seguinte, a 17, eu vou passar porque o senhor praticamente já respondeu, que era sobre a questão da centralização; e o processo decisório era realmente centralizado e o acesso da comunidade universitária ele teria sido bastante limitado. A questão seguinte é: até onde ia o seu conhecimento a respeito do processo de alocação de recursos de toda natureza, de pessoal, de móveis, equipamentos, recursos financeiros nas diversas atividades universitárias no período em questão? E como você o qualificaria?

WC.: Eu diria o seguinte: que foi uma alocação essencialmente pragmática; não há planejamento nesse sentido; pragmática no seguinte sentido: quando ele chama o grupo para montar a Filosofia e Ciências Humanas e aprova o projeto, os recursos estão alocados automaticamente, compreendeu? Quando ele chama alguém para vir montar a Engenharia Mecânica ou a Engenharia Elétrica os recursos praticamente estão alocados, quer dizer, trabalhava-se aqui como num sistema, suponhamos, onde não existisse moeda, onde não existisse problema financeiro, onde não existisse problema de financiamento, porque as pessoas então faziam os planos, os projetos e diziam: “Nós precisamos contratar tantos docentes com tais e quais qualificações em níveis” e a partir daí então aquela luta que eu me referi quando eu respondi à questão anterior, que o Zeferino travava com os órgãos públicos buscando recursos. Ele resolvia essa questão de financiamento e ele tinha habilidades fantásticas, só um homem realmente com a capacitação que ele tinha é que poderia ter centralizado essa universidade da forma como ele centralizou e durante tanto tempo. Porque ele era um homem que discutia com propriedade tanto questões de engenharia quanto de biologia, quanto de matemática, de computação e de humanidades. Ele era um homem erudito, era um homem que lia, era um homem que o círculo de relações intelectuais dele não se restringia, por exemplo, à área de formação dele. Ele tinha amigos e convivia com pessoas na área de política, de economia, de antropologia, de física, de matemática; enfim, era um homem com uma... ecumênico, se é que podíamos aplicar uma palavra a ele... ecumênico no sentido de que realmente ele era um homem pluralista e convivia, inclusive, politicamente com pessoas de diversidade política. Então, ele era uma cabeça que enxergava as coisas. Alguém que não tivesse essa formação eu diria que teria sido absolutamente impossível conduzir a universidade até onde ele conduziu.

E.: Professor, nesse processo decisório de alocação de recursos, percebia que era atribuição exclusiva do Zeferino ou havia mais pessoas que, por um ou por outro motivo, tinham esse poder de decisão?

WC.: Passava pela mão dele, rigorosamente. Tudo passava pela mão dele, ou seja, você contratava os professores que você apresentava a ele, ele dizia sim ou não. Ele que decidia se comprava os equipamentos ou se não comprava os equipamentos, mas o que eu posso testemunhar à você é o seguinte: eu nunca ouvi queixa. Você está entrevistando várias pessoas e essas pessoas poderão até dizer algo contrário, não sei. Mas eu nunca ouvi queixas de outros diretores, daquela minha época, que eles tivessem sido, digamos assim, fortemente cerceados neste ou naquele projeto que fosse um projeto válido. O cidadão chegava lá ao Zeferino e apresentava uma coisa que ele, Zeferino, julgasse inviável, ele mandava o sujeito voltar para repensar aquela coisa ou ele rechaçava naquele momento. Ele tinha essa capacidade crítica bastante profunda e os recursos era ele que alocava e alocava dessa forma: se ele já havia aprovado a implantação do instituto com mais ou menos “x” professores que deveriam ser contratados e dimensionado as turmas de alunos que ia entrar, automaticamente as contratações que ele passava a discutir era muito mais a qualificação dos docentes [inaudível] porque ele examinava e examinava com *pince nez*. Ele via se o sujeito publicava, se tinha publicações, se tinha livro publicado, qual era a titulação do cidadão, em que escola que ele havia se formado. Ele tinha esse hábito de exigir qualidade nas contratações. Isso não quer dizer, evidentemente, que ele nunca tenha pecado, ele nunca tenha, eventualmente, contratado pessoas com menor qualificação porque perfeito ninguém é, não é verdade? Mas eu sou testemunha de que ele mantinha uma exigência muito grande.

E.: Certo. [pausa] Uma vez alocados os recursos nesse ou naquele instituto ou faculdade, qual era o grau de autonomia do diretor dessa unidade na utilização desse recurso, ou seja, a partir daí teria uma liberdade ou a Reitoria continuava centralizando também a aplicação?

WC.: Não. A partir daí tinha liberdade. Agora o que era o orçamento das unidades? O orçamento das unidades era uma verba para transportes, gasolina, essas coisas... para o mínimo de passagens aéreas, para locomoção de professores, material de consumo, papel principalmente, papel de consumo, reagentes químicos no caso da Química? Basicamente era isso. Porque? Por que o orçamento do pessoal era um dado... até hoje, aliás, é um dado o orçamento de pessoal. Você não tem, a rigor, um planejamento para a folha de pagamento. Tem a folha de pagamento tua que anda “assim ou assado”, que cresce ou decresce porque morre, porque se aposenta ou porque o sujeito ganha quinquênios, mas isso nunca foi objeto de planificação; então o rateio que você tinha era esse rateio de parte... de uma pequena parte dos gastos de custeio. E aí, onde digamos assim, os diretores podiam brigar para querer mais litros de gasolina, ou mais folhas de papel para fazer as suas apostilas, ou mais reagentes químicos, no caso do Instituto de Química, por exemplo. Era aí que se... mas a briga veja... em quanto? em 10% do orçamento, porque os 90% do

orçamento do custeio já era pessoal e isso já era um dado, não entrava em discussão. O de capital, a sistemática orçamentária do governo do Estado de São Paulo e da Unicamp, a interação dessas duas sistemáticas fazia com que na verdade você também não discutisse orçamento de capital salvo na compra de livros, que aí os institutos tinham... e as faculdades tinham lá sua verbazinha para administrar a compra de livros e periódicos. Agora equipamentos, no sentido de uma coisa mais pesada, e prédios, que é o pesadão em termos de gastos de capital, isso ficava centralizado na Reitoria. E isso foi sendo feito de acordo com disponibilidades, de acordo com possibilidades concretas de obtenção de financiamentos. Então veja, propriamente não havia briga, inclusive os diretores aceitavam, suponhamos: tinha que sair o prédio da Engenharia e não o prédio, digamos, da Educação - que aliás foi um dos últimos a serem construídos - por exemplo. Eles aceitavam porque havia uma massa crítica maior, havia uma necessidade aparente maior e de curto prazo e aquilo não podia ficar... Como é que você ia montar equipamentos de laboratórios caros em recintos precários? É óbvio que Física, Química e Engenharia, por exemplo, tiveram que sair na frente em termos de construção de prédios. A Medicina demorou mais porque tinha lá o “Vietnã” da cidade, a Santa Casa de Misericórdia; então, aquilo pode esperar um pouco mais. Então, não havia... eu pelo menos não sentia isso, não sentia [inaudível] uma briga, uma discussão feroz em torno dos recursos, isso também estava no processo de implantação. Hoje não, hoje, evidentemente, a disputa pelas migalhas tem que ser necessariamente vista de outra maneira. A universidade cresceu muito, a demanda de livros, periódicos, é uma coisa cara hoje em dia, bolsas para alunos, monitores, etc.; então hoje, eu não sei, não participo de discussões na Reitoria. Pouco vou à Reitoria, aliás. Mas entendo que hoje deva ser uma coisa muito mais trabalhosa, a discussão e obtenção de recursos pelas várias unidades, isso sim precisa passar por um planejamento.

E.: Professor, eu queira insistir um pouquinho nesse ponto da locação de recursos pelas diversas áreas porque algumas pessoas falam de um possível privilegiamento, principalmente da área tecnológica, mais particularmente da Física, que começou a desenvolver uma série de pesquisas na área da Física de Semicondutores, que seria na época... no início da década de 70; uma coisa muito auspiciosa para indústria eletrônica, e na Engenharia também com relação a telecomunicações. Então, eu já ouvi alguns depoimentos de pessoas dizendo que absolutamente viam tal como o senhor disse, não sentiram nenhum tipo de disputa.

WC.: A universidade teve um período duro. Coincidiu, inclusive, com a minha gestão, que foi 76/80. Eu peguei ainda o final da gestão Zeferino e o começo da gestão Plínio de Moraes, aqui foi que... por quê? Porque aqui justamente é o período de desaceleração do crescimento econômico. O país saiu do chamado

“milagre” e começaram os problemas econômicos então a crescer de monte: a inflação, a desaceleração do crescimento, a queda da receita tributária; enfim, o Estado começou a capengar a partir daquele momento. A minha gestão foi uma gestão dura porque foi uma administração do “fundo do tacho” no meu caso. A minha administração foi uma administração do “fundo do tacho” porque realmente não havia recursos e você tinha certas prioridades. Agora, como eu tentei responder na outra questão, você veja o seguinte, como é que você vai montar a Física, que você tem laboratórios pesados, tem equipamentos caríssimos e necessários? Se você quer montar um bom Instituto de Física você tem que ter tudo isso, para ter tudo isso você tem que ter instalações minimamente adequadas, instalação de rede elétrica, de piso, de prédio, etc. A mesma coisa a Química, porque inclusive, são perigosas. Você tem instalações aqui na universidade que são muito perigosas, são passíveis de ocorrências de acidentes muito sérios, de alta voltagem, de explosão de calor, etc. Essas coisas tem que estar muito... tem que estar adequadamente montadas; você não pode improvisar nesse sentido. Você podia improvisar com o Instituto de Ciências Humanas, você podia improvisar com parte do Instituto de Linguagem, com a Faculdade de Educação, com essas coisas você pode improvisar, por quê? Porque nós trabalhamos basicamente com quadro negro, giz e biblioteca. Então, eu posso ficar alguns anos num prédio, digamos, ruinzinho, insatisfatório...

E.: Uma estrebaria...

WC.: Agora, o sujeito que está trabalhando lá com hidrogênio, o sujeito que está trabalhando com caldeira na Química, esse sujeito tem que ter condições minimamente seguras de trabalhar. Então, por isso é que eu digo para você que eu não via essa disputa, esse privilegiamento. Mesmo porque os diretores não viam isso como um privilégio, antes como necessidade; você tem que, minimamente... A Medicina tem que ter, ainda que lá no “Vietnã”, na Santa Casa, ela tinha que ter condições mínimas de funcionamento, porque se não seria um verdadeiro desastre. Então, eu não acho que houve esse privilegiamento, pelo contrário, e isso... o discurso do Zeferino era a todo momento também isso. Para ele a universidade significava a área de Exatas, a área de Biomédicas e a área de Humanidades e Artes. Isto para ele era uma universidade e a concepção que é o logotipo da universidade... você vê o logotipo; e se você voasse em um helicóptero e sobrevoasse o Centro Básico¹⁹ da Unicamp, a praça central... Ali está a concepção, são as três áreas, é a concepção arquitetônica; você pode discutir o gosto arquitetônico daquilo, mas não vamos entrar nesse mérito, mas ele tinha uma concepção que era uma interação dessas três áreas. Ele realmente não fazia privilégio. Ele discriminava sempre que ele detectava mediocridades,

¹⁹ Refere-se ao Ciclo Básico da Unicamp, local onde atualmente, além de salas de aula, estão localizados o Centro de Memória e o Serviço de Apoio ao Estudante - SAE.

aí ele discriminava... discriminava de uma maneira grave. Ele não admitia a mediocridade. Então, ele promovia sempre que possível a interação. Agora, as áreas tecnológicas, elas foram privilegiadas não por um senso administrativo ou político da universidade. Elas foram privilegiadas por que? Porque a tônica do milagre brasileiro e a tônica da concepção do segundo Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico, que pegava justamente o período de 73 para a frente, era uma tônica de crescimento a qualquer custo e com uma base... aí que se começa a tentar formular uma política de desenvolvimento científico e tecnológico, principalmente nas áreas de telecomunicações, não é? Então, aí começa a vir dinheiro largo, seja através diretamente das estatais, da Telebrás, etc.; seja através de FINEPs ou CNPQs da vida. Aí vem um dinheiro grosso e não dava nem para comparar, você não podia nem sequer comparar numa balança o peso do prato da Física mais da Engenharia - os dois grandes receptores de recursos - com, suponhamos, todo o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, porque inclusive essas pesquisas eram qualitativamente muito diferentes. Então, estas pesquisas na Física e na Química, requeriam, por exemplo, laboratórios muito caros. Elas tinham que ser, naturalmente, caríssimas e não há uma régua que te possibilitasse medir com aquela mesma régua o tamanho daquelas pesquisas e volume de recurso com uma, suponhamos, na área de Humanidades; são pesquisas muito mais baratas do que nessas áreas tecnológicas. Então, eu sinceramente não vejo como privilégio, pelo menos na locação interna de recursos, não. É claro que houve durante um largo período aqui na sua gestação... houve um predomínio de algumas pessoas que, naturalmente, elas tinham um peso mais forte nas discussões. O professor Damy, na formação da universidade, ele era um peso muito forte. Um professor... já falecido, da Biologia, como é o nome dele?

E.: Brieger

WC.: O Brieger... o Brieger tinha um peso muito forte. Eram pessoas que enfim batiam na mesa e discutiam com o Zeferino; tinham um peso muito forte. Quando mais tarde, quando há dissensão e sai o Damy a Física fica quase que dividida em duas personalidades, que é o Rogério²⁰ e o falecido Sérgio Porto, não é? Os dois eram pessoas que jogavam forte na universidade e o Zeferino, com habilidade, divide o poder, não é? Ele bota um para coordenar as faculdades e o outro para coordenar os institutos e foi realmente um artifício político extremamente hábil do Zeferino. Esse pessoal jogava pesado, porque? Porque inclusive a área de Humanidades era uma área que tinha que ficar mais ou menos quieta. Fazia as coisas muito quieta, sem grandes alardes, porque nós estamos vivendo no período da repressão. Então, evidentemente, tudo aquilo que podia cavalgar e gritar alto era a tecnologia, era a Química, Física,

²⁰ Rogério Cerqueira Leite, foi diretor do Instituto de Física.

Engenharia, Matemática, etc.; e a área de Computação. A área de Humanidades tinha mais era que ficar quietinha e fazendo as suas coisas e programando os seus cursos para que nada saísse errado. Quando houvesse um momento mais fácil politicamente para ela... aquele era um momento difícil, mas não nos faltou recurso em hipótese nenhuma. Tanto é que basta que você veja cronologicamente a série de aumentos de contratações por que passou a área de Humanidades como um todo, digamos. O que nós éramos... éramos menos de 20 “gatos pingados” nos idos do início dos anos 70 e somos hoje o que é o Instituto de Linguagem mais o Instituto de Economia mais o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e, suponhamos, os Institutos de Educação e Artes. Quer dizer, houve um crescimento, salvo nesse período que foi um período mais duro dentro da universidade, foi o período mais crítico, de 76 a 80, onde realmente não tinha dinheiro e aí quando não tem dinheiro todo mundo briga [riso].

E.: Então, tentando resumir um pouco e para checar a sua concordância com o ponto de vista que eu já levantei nas outras entrevistas, a gente poderia dizer que a Unicamp estabeleceu oportunamente uma estratégia de crescimento e solidificação na área de exatas, de acordo com as circunstâncias do período do milagre econômico e que esta foi uma estratégia bem sucedida que trouxe posteriormente resultados benéficos para toda a universidade; o prestígio que a Unicamp teria adquirido ou adquiriu efetivamente na área tecnológica trouxe recursos e apoio e prestígio para as outras áreas. O senhor concorda então com...?

WC.: Eu não sei se eu deveria concordar *ipsis literis* com o que você falou. Eu diria o seguinte, veja bem, é que elas partem antes das demais áreas. Elas são um cenário político importante porque o país está jogando recursos para ciência e tecnologia, estão fazendo coisas novas. Se você falar em física no estado sólido é uma coisa meio... fibra ótica, essas coisas... coisas meio esotéricas, digamos assim, para o comum dos mortais. Então, eles estão saindo antes, bem antes do que isso daqui, estão saindo já, mais ou menos, no início dos anos 70, no começo dos 70. As outras áreas... suponhamos que você pegue a área de Humanidades, a área de Humanas estava reduzida ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Era só isso. Essa área vai ganhar destaque quando? Quando ela se consolida minimamente e a partir, digamos, de 72, 73, 74, ela já forma a primeira turma de graduação, já doutora em 75 a sua primeira leva de professores... ela teve que doutorar aqui dentro, veja você! Na nossa área, nós tivemos que nos doutorar internamente sem orientadores. Nós tivemos que fazer tudo isso! Tivemos o quê? Que montar cursos, que desenhar, escrever textos, dar as aulas, orientar alunos, nos orientar para produzir nossas teses. A Física naquele momento ela já tinha, se não me engano, 80 PhDs importados do exterior, muitos deles brasileiros que Zeferino trouxe de volta. A Física vem e desemboca com 80 PhDs; nós tivemos que nos doutorar! Então, é uma diferença muito grande, a Física e a Engenharia evidentemente vão faturando em

cima disso através de resultados de pesquisas, de prestígios, etc. e tal, e do predomínio dessas personalidades, porque essas personalidades elas jogavam pesado dentro das estruturas de poder da universidade, sem que eu diga com isso que com isso tenha havido, digamos, falta de recursos para esta ou aquela área. Eu não acredito que tenha havido falta de recursos, eu não acredito por exemplo, que o predomínio do Sérgio Porto e do Rogério Cerqueira Leite, no que tange à Física, ou do Manuel Sobral, no que tange à Engenharia, tenha, digamos assim, tirado recursos de Filosofia e Ciências Humanas ou da Linguagem e da Educação. Não penso que tenha ocorrido isso. O que tem... o que ocorreu é que evidentemente, como eram pessoas que jogavam mais pesado, que tinham mais prestígio, que tinham uma massa crítica muito grande - porque eles tinham uma massa crítica muito grande, tinham por trás as estatais do governo - eles evidentemente canalizaram muito mais recursos para essas unidades do que para as outras; mas eu diria à você, eu acho que isso não nos faltou, não nos fez falta. Porque? Porque ainda que nós tivéssemos uma massa de recursos proporcionalmente tão grande quanto a Física, nós não tínhamos massa crítica, sequer nós teríamos PhDs disponíveis no Brasil ou lá fora para trazer para cá e montar instantaneamente grandes mestrados, grandes doutorados. Não, isso tudo aqui foi construído “com pá e picareta”, você está compreendendo? Foi construído... nós fomos construindo a nossa massa crítica no que tange à nossa área, por exemplo. A Educação eu não conheço... eu conheço a Educação assim muito de longe; não sei te dizer nada a respeito da Educação. Você é de lá, você deve saber como reconstituir essa história, mas... você entende? É muito fácil, você pega currículos e vai para os Estados Unidos e traz dez caras da “Bells²¹”, da “ETT”, não sei da onde; dez PhDs tarimbados e excelentes pesquisadores; você não encontra isso na Economia, não encontrava isso na Antropologia, não encontrava isso na Política e na Sociologia. A USP fez isso na década de 30, importando franceses que vieram para cá digamos passar um tempo para formar quadros; uns poucos ficaram e o resto voltou para a França, foi a vinda dos franceses. Mas isso é uma coisa de passagem. Essas áreas não... essas áreas tinham um monte de gente que foi para o exterior para tirar seu PhD ou para trabalhar, então você tinha... inclusive porque em que pese haverem divergências entre, sei lá, dez físicos do estado sólido, imagine que hajam divergência teóricas, algumas pelo menos entre eles. Mas isso, na área de Humanidades, a questão das divergências, isso às vezes são coisas absolutamente insanáveis. Então porque nós trilhamos e percorremos digamos o caminho mais dolorido, que é o caminho de você criar sua massa crítica? Porque... e essa é a marca da diferença de Campinas - Campinas é uma escola, e isso é extremamente importante. Eu estou falando pela minha área, agora. Economia na Unicamp é uma escola de pensamento, não é uma juntada de professores, porque na área de Humanidades você não pode fazer juntadas, você

²¹ Bell Telephones Laboratories.

não pode publicar anúncios no jornal para contratar docentes e pesquisadores. Eles têm que ter um mínimo de afinidades na forma de pensar e ver o mundo, porque senão você não forma uma escola, você forma um amontoado de professores, que é outra coisa. Disso você está cheio no país, não é? Já nas outras áreas é muito mais simples, muito mais fácil você lecionar padrões qualitativos, gente bem qualificada e com diversidade de...

FITA 3 - LADO B

E.: Professor... a pergunta seguinte já respondeu, não é? Com relação à admissão de professores e funcionários, que era centralizada, a própria centralização de vagas...

WC.: Era centralizada e era... eu acho que... eu não me lembro se da outra vez eu disse algo a respeito, mas a chamada sessão de despacho, eu não sei se eu te respondi na outra...

E.: Já

WC.: Então é assunto superado.

E.: Com relação à área acadêmica propriamente dita... na área de ensino, por exemplo, a questão da fixação de currículos... estabelecimentos de currículos; qual era o grau de autonomia, quer dizer, isto era também centralizado ou não?

WC.: Não. Isso era descentralizado. A Câmara Curricular julgava, discutia, compatibilizava ou não e havia... posso te dizer que havia inclusive um clima muito cordial quando da discussão de disciplinas interconectadas, mais de uma unidade... Por exemplo, as disciplinas de matemática e estatística que eram dadas na área de Filosofia e Ciências Humanas, ou as disciplinas de humanidades que eram dadas para outras unidades, sempre houve um clima de muita cordialidade entre as unidades discutindo os programas, os detalhes dos programas, como é que aquele curso poderia ou não ser oferecido. Então, as unidades tiveram liberdade total na produção dos seus currículos e dos seus programas. Tanto é que naquela época em que os alunos tinham que esconder os livros nos ônibus, o sujeito encapava livro porque se andasse com o livro do Karl Marx na mão podia ser preso, está certo? Nós... você pode se socorrer nos arquivos da universidade... estão lá os nossos programas com ementas, com toda a

bibliografia que nós achamos que devia ser dada e nunca ninguém... nenhum setor que eu tenha conhecimento tentou fazer qualquer espécie de interferência.

E.: Professor, qual era a sua avaliação sobre o papel do corpo discente no processo decisório da universidade? Havia alguma participação?

WC.: Havia muito mais participação do que hoje, no meu modo de ver. Também parte disso é explicado por causa da situação política que o país atravessava. O estudante naturalmente era um elemento muito ativo e muito combativo na discussão contra o aparelho autoritário do governo; então, eu vejo que ele era muito mais participativo, inclusive se discutia a qualidade do ensino.

E.: E essa participação se dava através de que mecanismos?

WC.: Através de manifestação, de entrevistas, de discussão...

E.: Mas formalmente...

WC.: ...você não tinha os canais... os canais estavam interceptados pela ditadura, estavam cortados os Centros Acadêmicos, etc. Mas você tinha as representações no Conselho Diretor e nos colegiados internos, acredito que em todas as unidades, ou a maioria delas. Nós, pelo menos, tínhamos as nossas representações informais, mais eu vejo que o aluno naquela época ele era mais interessado em discutir inclusive a questão de qualidade do ensino do que hoje. Eu receio que isto hoje... a coisa esteja assim um pouco anestesiada, um pouco... enfim, um pouco alienada na participação do que naquela época.

E.: Professor, como você caracterizaria o papel do Conselho Diretor e de suas comissões internas: Orçamento e Patrimônio, Legislação e Normas e Serviço Social; bem como das Câmaras de Ensino e Pesquisa - e da Câmara Curricular o senhor já falou - como órgão deliberativos e/ou executivos, tendo em vista o grau de autonomia de que dispunham?

WC.: Eles não eram propriamente órgãos deliberativos que tinham aí... era Câmara Curricular, mas com prerrogativas muito limitadas porque determinadas coisas tinham que passar necessariamente pelo Conselho Diretor de então. A Comissão de Orçamento era uma discussão política para se... digamos assim, se aparar algumas arestas de uma outra discussão, mas não havia assim discussões empolgantes e a Comissão de Legislação e Normas, ela, digamos que tinha, assim, um pouco mais de vôo, mas não na gestão do Zeferino porque as mudanças aplicadas foram mínimas na gestão dele. Foram muito pequenas;

até que teve que se esperar inclusive a abertura para se fazer determinadas mudanças estatutárias que tange, por exemplo, à questão dos estudantes, etc. Então, eram atividades muito limitadas até o final da gestão do Zeferino; limitadas porque não tinham... como não haviam as grandes proposições que viriam depois com o processo da abertura: mudanças de estatutos, mudanças de acesso, o papel dos professores titulares, o peso deles nos vários órgãos colegiados, dessas coisas não se cogitava naquela época. As cogitações políticas eram outras, eram mais profundas em cima da questão do país do que da questão de uma discussão de problemas de democracia ou não democracia interna. Então, essas comissões eram muito mais... tinham muito menos peso, muito menos atividades do que passariam a ter inclusive a partir do processo da chamada abertura gradual.

E.: A questão seguinte é: supondo que a Unicamp ao ser criada tinha plenamente definido os seus objetivos institucionais em função das necessidades diagnosticadas em suas áreas de atuação, como você avaliaria os resultados alcançados face ao que foi pensado e o que foi de fato realizado? Os recursos foram devidamente alocados?

WC.: Eu acho que sim. O que eu posso dizer? Eu posso dizer a você pela nossa área. Na nossa área primeiro: nós nos formamos, nos doutoramos e vários de nós avançamos na carreira. Nós consolidamos os cursos de graduação, haja vista essas pesquisas de opinião que se fazem em termos de “ranking” de cursos. Você vê que a Unicamp está bem situada em vários cursos de graduação na área de Humanidades. Nós fizemos a nossa pós-graduação e isso foi um passo extremamente importante, um passo muito profundo, porque pós-graduação era lá fora... era na USP... o sujeito tinha uma fila com 30, 40 sujeitos na frente dele e não conseguia entrar para fazer pós graduação na área de Humanidades. Então, foi um passo muito importante, inclusive para o país, porque você não precisava mais mandar o cidadão para fora para se mestrar nessas áreas, e o que é mais importante: a consolidação de grupos de pesquisadores de alto nível com pesquisas realmente bastante relevantes em várias áreas. Eu acho que os sucessos da Física e da Engenharia não precisam ser contados por ninguém, basta que se veja o que que eles fizeram, como eles evoluíram, a contribuição que eles deram. Eu acho sinceramente que na Unicamp, pelo menos até uns anos atrás, eu acho que não se poderia falar muito de desperdício de recursos aplicados. Eu tenho a impressão de que os recursos foram bem aplicados. Eu acho que evidentemente você sempre tem em cada cem professores... você pode ter um percentual de professores menos qualificados, de professores que acabaram encostando o corpo e deixando de produzir, etc. Mas eu acho que, grosso modo, em termos globais, eu acho que os recursos foram bem aplicados na Unicamp. Acho que nós estamos aí... temos aí um hospital fantasticamente bem implantado, falam que a Medicina está ótima hoje em dia, a área de

Humanidades acho que se consolidou também, Artes está crescendo, enfim, acho que os recursos foram bem aplicados. Eu acho que o seguinte: também não se pode é ficar cantando os louros da vitória durante muitos anos, não é? A universidade teve um período fantástico em que ela cresceu e a produção dela explodia pelo Brasil inteiro e até em níveis internacionais. De lá para cá, entretanto, se deixou de avaliar o trabalho dos docentes, porque nós éramos avaliados e era uma avaliação muito dura. A Comissão de Tempo Integral é quem fazia essa avaliação. Então, você de dois em dois anos [batidas na porta da sala onde acontece a entrevista]... Um momento... você de dois em dois anos... você quer parar com o gravador?

[o gravador é desligado]

WC.: ...de dois em dois anos você era obrigado a fazer um relatório detalhado do que você fez naqueles dois anos dentro da universidade e era obrigado a apresentar os resultados daquela pesquisa que você havia prometido fazer nos dois anos anteriores. Então, você tinha uma banca de vários docentes titulados na universidade que, antes, examinava o seu processo, via que cursos você deu, seu desempenho como professor, que artigos você escreveu, à quantas anda sua tese. Enfim, você era cobrado... você era cobrado e os professores levavam aquilo realmente com seriedade. Pelo menos na minha área a gente levava aquilo com seriedade: “Pô! mês que vem eu vou ter que ir à Comissão de Tempo Integral. Deixa eu ir arrumando meus papéis, minhas coisas, etc. e tal”. Você era cobrado! Depois disso houve mudanças de normas em nível da gestão da Comissão de Tempo Integral e eu acho... eu receio que isso aí deve ter ficado um vazio, um oco. Então, os chamados Relatórios de Atividades Docentes, eu acho que eles caíram muito mais ao nível de uma justificação formal e burocrática do que de um mecanismo de avaliação, você entende? Eu espero que isso não tenha contribuído, digamos assim, para um debilitamento do nível qualitativo e da produção em geral dos professores e pesquisadores, mas esses relatórios se converteram em papéis burocráticos.

E.: Essa comis...

WC.: E não num instrumento de avaliação como era, o sujeito discutia o programa dele, o projeto.

E.: Essa comissão funcionou a partir de quando?

WC.: Funcionou desde o início. Desde o início.

E.: No período do Zeferino, ela funcionou então de acordo...

WC.: Funcionou, funcionou a todo vapor. Tinha essa e tinha a Comissão de Ensino que discutia os níveis qualitativos dos docentes que seriam contratados. Então, o docente era avaliado antes de entrar e depois era avaliado periodicamente, aí já pela Comissão de Tempo Integral.

[pausa]

E.: Professor, fazendo uma avaliação mais aprofundada da participação dos diversos setores da comunidade universitária na dinâmica de poder dentro da Unicamp, aspecto que vem permeando as indagações desta entrevista, pode-se alcançar a dimensão política da atuação de indivíduos e grupo dentro da universidade. Dentro desta perspectiva, qual a sua avaliação sobre o papel político dos docentes e dos burocratas, vamos dizer assim... os docentes e não docentes que exerciam funções administrativas no processo decisório que definiu os principais caminhos trilhados pela Unicamp? Leve em conta na sua análise aspectos assim relacionados: a questão da autonomia versus dependência - essa parte o senhor já respondeu havia uma dependência muito grande em relação à Reitoria - e dos indivíduos e grupos a questão da visão crítica versus indiferença e atitude progressista versus atitude conservadora.

WC.: Bom, eu acho que houve influência de várias personalidades. Nós tivemos... eu não conheço as safras atuais de diretores... mas são diretores, me parece que mais jovens, não é? E as primeiras safras de diretores, muito deles eram pessoas de peso. Pessoas de peso no seguinte sentido: eram pessoas que já eram acreditadas, já eram “seniors” nas suas respectivas áreas de atuação e exerciam liderança intelectual e acadêmica, haviam mostrado pelo seu trabalho... Porque isso vêm, digamos assim, da fase antiga da universidade, embora a Universidade de Campinas fosse uma universidade nova criada já em cima da nova Lei de Diretrizes e Bases, mas em certas áreas predominava ainda o espírito da antiga universidade, da cátedra. Isso na Medicina até hoje de certa forma a cátedra subsiste sobre outro nome, não é verdade? Mas, aquela coisa de ter liderança, dois ou três sujeitos ter liderança em cima de um agrupamento... então isto na Unicamp, antes, era muito mais sentido. Eu não sei, hoje em dia, olhando a Física quantos Rogérios Cerqueira Leite existem na Física hoje? Quantos Sérgio Porto? Quantos Rippers existem na Física? Não sei. Quantos Cilentos tem na Física hoje? Você está entendendo? Eu não sei quantas pessoas de peso e que carregavam uma liderança em torno de si. Não uma liderança por mando, por uma delegação autoritária, mas uma liderança de fato.

E.: Legítima

WC.: Legítima. Liderança acadêmica e de pesquisa legítima. Essas pessoas exerceram papéis muito importantes na universidade. Várias das coisas, dos rumos, evidentemente que a cabeça delas, a fala delas imprimiam direções na universidade, muitas delas. Eu poderia te citar alguns nomes: na Física, antes era o Damy, depois na dissensão com Zeferino então, aí sobem os dois: o Rogério e o Sérgio Porto; na Engenharia era o Manuel Sobral. Quantos Manueis Sobral você tem na Engenharia hoje? Não estou querendo com esta pergunta desprestigiar aqueles que permanecem ou que vieram de novo, pode ser que tenha gente mais inteligente e mais competente que o Manuel Sobral, mas o que eu não vejo hoje é, digamos assim, quatro ou cinco lideranças de grande peso acadêmico e intelectual de pesquisa comandando. Pode ser que eu esteja equivocado, mas não vejo muito isso em algumas áreas. Ou isso hoje, digamos, está muito mais atomizado e eu esteja com uma visão equivocada, pode ser também. [interrupção: uma vós feminina interroga o entrevistado] Mas, então veja, eu não sei se estou com uma visão equivocada, você está me entendendo? Mas antes se percebia isso. Há algo que me diz que eu não estou muito equivocado que é justamente a partir do momento da transição, quando o Zeferino deixa a Reitoria e entra o primeiro processo eleitoral. Você veja, ainda nesse processo eleitoral você tem algumas figuras dessas que... [o telefone toca e alguém o atende] proeminentes que estão disputando a Reitoria [interrupção de gravação] Você tinha caras que, sem entrar no mérito da personalidade do pensamento político do cidadão, mas eram caras de peso na universidade. À partir deste momento, depois disto, aí quando você olha a lista dos chamados reitoráveis começa a mudar o quadro e muito. Ainda vi permanecer um Rogério Cerqueira Leite, ainda vai figurar um Pinotti e tal, mas são dois ou três, digamos assim... [alguém comunica algum assunto ao entrevistado e acontece uma conversa paralela] Mas então você tem uma atomização e tem a ascensão de lideranças novas, mas que eu não sei, talvez seja mais por desconhecimento meu dessas lideranças. Mas eu não consigo comparar essas lideranças com algumas das lideranças mais antigas em várias áreas. Pode ser isso uma visão distorcida minha porque eu a partir de um momento... até aqui eu circulei na Reitoria, representações de Conselho, etc. e tal, e nos últimos anos, praticamente depois de 81/82, que foi a discussão da Campanha das Diretas, eu me envolvi muito com isso, eu comecei a viajar o Brasil todo etc; então eu quase que fugi da vida universitária, da política da universidade. Eu realmente me desloquei por afazeres políticos e por afazeres acadêmicos mesmo. Eu me envolvi crescentemente com muita orientação de tese, de muito trabalho de aula, de pesquisa, aqui e em organismos fora, governo etc. Então, digamos assim, eu fiquei muito divorciado daquele dia a dia de conviver com diretores, com conselheiros, etc. Hoje, se eu sentar no Conselho, eu sou um objeto estranho ali, não vou me conhecer ali. Então pode ser também aí que eu esteja fazendo um juízo de valor um pouco

equivocado, mas me fica um pouco a sensação de que as antigas lideranças, o peso que elas tinham, elas não se reproduziram e, se se reproduziram, se reproduziram de uma maneira escassa.

E.: Para completar essa questão, sobre aqueles dois itens que eu citei, de um...

WC.: Tanto é que... você me desculpe sobre o seguinte: ao que me consta parece que só tem três candidatos à reitor. Estamos já entrando em outubro, segunda feira é outubro; nós estamos portanto já há seis meses da eleição, o processo vai ser deflagrado rapidamente e nós só temos três candidatos a reitor.

E.: Oficialmente o processo eleitoral é só no ano que vem.

WC.: Sim, mas de qualquer forma, ao que se sabe aí, só existem três candidatos, acho que isto é um outro sintoma...

E.: É parece...

WC.: É a evidência disto que eu estou falando.

E.: ...o senhor tem razão porque do ponto de vista de liderança política dentro da universidade a expressão acadêmica dessas lideranças é fundamental... [**WC.:** É fundamental, eu acho que é...] e eu acho realmente... por exemplo a Física - você cita bastante o exemplo da Física - a impressão que se tem hoje é que a Física está num processo de definhamento e de esvaziamento por falta de lideranças...

WC.: Lideranças que carreguem realmente a Física

E.: ...liderando no sentido de orientar as linhas de pesquisa e de ter uma certa legitimidade junto à sua comunidade.

WC.: O que você... apenas para completar a pergunta... papel político dos professores. Eles enquanto classe, enquanto corporação, o papel deles era menor nesse período, porque estava muito fragmentado, não é? Pequenos agrupamentos de várias unidades; você ainda não tinha essa junção. Inclusive era um pouco complicado você discutir os problemas políticos e ideológicos porque, digamos assim, a alienação política era muito grande em determinadas áreas, não em outras.

E.: Mas como se caracterizaria... se puder caracterizar o papel é... embora não houvesse uma participação, mesmo porque tenho a impressão que não era uma coisa importante, ou pelo menos havia um acordo

tácito entre muitas pessoas que vieram para cá para trabalhar, vamos dizer assim. Já que as condições políticas... de participação política eram bem estreitas; às vezes eu tenho essa impressão.

WC.: Eram estreitas, mas não para se discutir internamente no campus a estrutura de um curso, isto ou aquilo. Para isso você não tinha restrição dessa natureza, nem para discutir pesquisas; não havia restrição, para isso você não tinha restrição nenhuma.

E.: Mas, mesmo assim você acha que as pessoas tinham uma atitude um pouco apática?

WC.: Não havia uma atuação corporativa de classe que hoje há. Hoje tem isso. As pessoas se procuravam e se contatavam em função dos seus objetivos afins, das suas idéias afins; então, tinha um grupo da Medicina... da Medicina Preventiva que era um grupo de esquerda, que conversava com a gente muito, o Arouca e outros, por exemplo. Havia um grupo de jovens da Engenharia, que inclusive freqüentava alguns cursos nossos, hoje estão lá com suas carreiras na Engenharia: doutores, livre-docentes, etc., muito bons por sinal, que procuraram a gente, em determinado momento, para discutir, preocupados com essa coisa nacional, etc.... os rumos do país. Havia isso, mas isso estava isolado em algumas pessoas que se juntavam e não como, digamos assim, um propósito mais aberto para se levar.

E.: E hoje a sua visão é que...

WC.: Eu acho que você tem um canal... você tem a Adunicamp²², não sei se ela tem funcionado bem ou tem funcionado mal, mas pelo menos é um fórum onde as pessoas sentam lá e conversam e discutem essas...

E.: Já que o senhor tocou em integração, o senhor acredita que no projeto da Unicamp e que o próprio Zeferino falava muito da integração, e isso depois foi uma tônica da própria reforma universitária, o que houve essa integração entre... inclusive isso tinha um modelo, que era o modelo da Universidade de Brasília e os Institutos Centrais...

WC.: Exatamente. Exatamente. E o curso básico... o curso básico era a base da integração. Essa era a intenção dele. Agora, eu acho que integração... integração chama-se interdisciplinaridade, na verdade. Interdisciplinaridade você não faz com disciplinas e sim com pessoas. As pessoas é que são interdisciplinares ou não são. Ou o engenheiro, ele além de ser um bom engenheiro, ele tem uma cabeça para pensar politicamente, para pensar em termos do problema da saúde, por exemplo; ou o físico, além

de ser um bom físico, ele também tem essa dimensão... a dimensão política, a dimensão social, etc.; e o economista, ou o sociólogo, ou o politólogo, além de ter essa visão crítica da sociedade, eles também entendem o que é o papel de um tecnólogo, de um engenheiro, de um bom médico, de um bom pesquisador. Então, essas pessoas é que tem as suas cabeças pré dispostas a uma interdisciplinaridade. Não adianta você juntar numa máquina... numa sala, um excelente matemático, um excelente engenheiro, um excelente biólogo, um excelente economista, um excelente letrista, não é disso que você vai produzir um trabalho interdisciplinar. Eu, pelo menos, estou convencido disso. Tanto é que os cursos básicos foram por água abaixo. Hoje se acabou, não tem mais nada disso na universidade porque interdisciplinaridade você faz é com a cabeça das pessoas. Eu acho que, talvez, esses núcleos, hoje em dia, preencham muito mais isso do que quaisquer outras formalidades.

E.: Essa integração, o senhor citaria para uma atitude espontânea das pessoas?

WC.: É uma atitude do interesse das pessoas, exatamente.

E.: Não adiantaria uma estruturação...

WC.: É difícil você programar isso. Muito difícil porque é a cabeça das pessoas.

E.: Então, você acredita, vamos dizer assim, que na cultura da Unicamp esse fator não conseguiu se estabelecer? Essa questão...

WC.: A interdisciplinaridade?

E.: É.

WC.: Não, eu acho que ela... acho que uma das razões do sucesso da Unicamp é justamente que ela conseguiu isso. Mas conseguiu, eu insisto, por outros expedientes que não aquelas intenções formais de antes, de programar uma universidade integrada, com curso básico, etc...

E.: Você acredita que isso pode ser...

WC.: Foram os físicos que se juntaram com alguns engenheiros para pensar as coisas das novas tecnologias, entre outras coisas.

²² Associação dos Docentes da Unicamp.

E.: Mas você afirmaria que isso é uma característica dominante na Unicamp ou é uma característica acessória?

WC.: Eu acho que isso é uma categoria... é uma categoria de uma excepcionalidade em todas as instituições similares, seja aqui, seja no exterior. Você não faz à martelo uma interdisciplinaridade, não existe isso. São as pessoas que fazem isso.

E.: A questão seguinte é: faz parte da sua visão crítica da política universitária a existência de classes dentro da Unicamp? Caso sua resposta seja positiva explicita qual.

WC.: [inaudível] repetir a pergunta, por favor?

E.: Faz parte da sua visão crítica da política universitária a existência de classes dentro da Unicamp? Em caso positivo, explicita os critérios de sua diferenciação de classes.

WC.: Eu não chamaria isso de classes dentro da Unicamp. De classes entre aspas, porque as classes, aqui, digamos assim, são funcionários, estudantes e professores. Isso não é um conceito de classe, isso são segmentos de uma sociedade, uma comunidade onde não necessariamente... inclusive os interesses são conflitantes, porque se você pensar: “Bom, qual deve ser o objetivo dos alunos?” Virem aqui e adquirir conhecimento. Qual o objetivo dos professores? Os objetivos contratuais deles, inclusive, é a transmissão de conhecimentos e de produção e reprodução de ciências, artes, etc. E os funcionários são, evidentemente, uma atividade meio para dar suporte para que isso tudo esteja ajeitado. Então, teoricamente, você não tem aí um sentido de classes, porque não há um antagonismo entre essas classes, não existe objetivo conflitante entre elas, não pode haver. Quando surge um conflito é por uma diferenciação de uma política salarial que, digamos, premia mais um segmento “A” e não... e não o segmento “B”; mas eu não chamaria isso de classe. Por isso que eu acho que os papéis das associações deveriam ser revistos depois de passado o período da transição política, da luta pela redemocratização do país, porque aí ficou um negócio meio complicado, acabou virando uma entidade quase que sindical para reivindicar salário e reajuste de salário; as associações de classes, seja dos funcionários, seja dos professores. Eu não vejo isso em termos de integração conflitantes de interesse na universidade.

E.: Interesses... os chamados interesses materiais...

WC.: Eu acho que a universidade cometeu um erro, de muitos anos para cá, que foi, digamos assim, identificar os titulares, os MS-6, como os mandatários do poder, aquela coisa toda. Eu acho que a partir

daí se criou um mito, que é o mito da democracia na universidade. Isso não existe: democracia na universidade. Eu acho que é um erro se pensar a democracia tal como a gente almeja a democracia na sociedade, isso não tem porque a universidade tem algo de diferenciador, que é a capacidade e competência de conhecimento .

E.: Isso aí não vai... [inaudível]

WC.: Isso, não basta você comprar um livro... não basta você comprar um livro... bom livro em uma livraria e passar uma noite lendo e você passar a dizer: “Bom, eu agora sou um conhecedor desse assunto”. O conhecimento é um negócio muito complexo, a competência adquirida, a experiência de vida; são coisas muito complicadas. Então, eu acho que você não pode imprimir na universidade os mesmos sentimentos e desejos e ansiedades que você tem na sociedade com a democracia. Por exemplo, essa coisa de eleição de reitor, se a comunidade acha que é ela que tem que eleger o reitor, então também os funcionários do Palácio do Governo é que tem que eleger o governador, os funcionários do Palácio da Prefeitura é que tem que eleger o prefeito, os funcionários da Assembléia Legislativa é que tem que eleger os chamados representantes do povo. É um negócio meio complicado. Eu acho que isso daqui é uma instituição diferente, a política é uma instituição milenar. É uma instituição que se manteve durante todos os tempos. Então, isso aqui é um problema. Eu acho que havia exageros bastante grandes, tanto na cátedra antiga quanto mesmo na reforma da Lei de Diretrizes e Bases em termo do predomínio dos titulares; eu acho que isto é que talvez tenha causado um acirramento, um antagonismo e o comportamentos dentro de vários... eu conheci vários aqui na universidade que não eram brincadeira, que realmente detinham um controle, um poder político de fato, e o pessoal de baixo tinha que se sujeitar à isso; isso em algumas áreas era muito mais forte do que outras. Então, isso deve ter contribuído inclusive para, digamos assim, uma pré-disposição para arrebentar com a concentração de poderes que estava nas mãos dos titulares; só que não se substituiu isso por nada. Então hoje você tem o quê? Você tem as estruturas departamentais. E o que é um departamento? Quem tem a responsabilidade dentro de um departamento? A quem você atribui a responsabilidade de fazer um bom ensino no departamento? Tanto manda um MS-1 como um MS-6; tanto manda um cidadão que está no começo de sua formação, que está adquirindo a sua experiência, a sua competência, quando um cara que tem 30 anos de janela. Na Medicina, como a coisa lá é mais brava, porque é um corpo humano vivo que está em cima de uma mesa e o cara que tem que operar também tem que ser do ramo, ali ainda a coisa... o pessoal ainda acredita nisso. Tem um cara “senior” tal, velho, que ensina as coisas. Mas em outras áreas não, em outras áreas você atomizou o poder e isso é uma coisa complicada numa universidade...

FITA 4 - LADO A

E.: Eu queria pegar o seu raciocínio para fazer uma síntese em relação a essa questão da democracia; eu entendi então que deve existir uma forma de democracia dentro da universidade, mas definida com base em critérios e mérito de competência...

WC.: Não, eu não diria estritamente... o que eu insisto é... é claro que você tem que ter uma norma e um regulamento, uma forma que... um código formal através do qual as pessoas tenham acesso aos seus direitos, mas que também respondam por suas obrigações. Agora, não é apenas com um código desses que você troca a experiência e o conhecimento que uma pessoa adquire por longos anos de trabalho, de discussão e reflexão, você não troca isso por um código, é isso que eu quero dizer. Você não troca isso por uma assembléia, você entende? Então, por isso que é muito difícil, é uma instituição diferente, porque aí você tem que ter um código mínimo que te garanta os teus direitos mas que também te obrigue a cumprir com as obrigações. E você tem, ao mesmo tempo, a questão da competência e do conhecimento, são dois níveis de manifestações dessa democracia. Isso é difícil porque nem um e nem outro isoladamente te dão a democracia, haja vista o que era a cátedra antigamente, que o sujeito realmente era... não era um titular, era um tutelar na cátedra; ele mandava e desmandava e fazia o que bem lhe aprouvesse, mas o oposto disso foi o código do departamento; o departamento democratizou, isso deu a sensação da democracia mas diluiu completamente a responsabilidade; isso não é democracia, é uma falsa democracia eu ter o direito de ir na sala de aula e fazer o que eu bem entender, isso não é liberdade de cátedra; eu tenho que ter um mínimo de responsabilidade e alguém tem que me colocar essa responsabilidade porque senão não é uma prática democrática.

E.: Então, eu estou entendendo que nessa transição do sistema de cátedra para o departamento o que faltou foi o estabelecimento de formas de avaliação, quer dizer...

WC.: Eu acho que isso foi uma das formas de avaliação e atribuição de responsabilidades.

E.: Quer dizer, a responsabilidade, ela deveria ser atribuída em função da capacidade...

WC.: A variável capacidade, experiência e conhecimento, é uma variável que não pode ser descartada, à guisa de você implantar uma democracia; isto é um erro, e a questão da atribuição das responsabilidades, quando é que você atribui e cobra as responsabilidades das pessoas.

E.: Professor, deixa eu só fazer uma pequena digressão, na sua opinião, então, para superar o problema que existe hoje em relação a isso, o modelo seria recuperar essa questão da avaliação e a partir dela se estabelecer responsabilidades de...

WC.: Eu acho que sim

E.: ...de liderança na questão da...

WC.: Eu acho que sim. Eu acho que a avaliação, ao contrário do que muita gente pensa, não é um instrumento facistóide, ditatorial, autoritário de você encostar o sujeito na parede. Não! Afinal de contas, quem somos nós? Estamos aqui sendo pagos pelo povo; o povo que nos paga aqui e eu não tenho que dar nenhuma satisfação a esse povo? Eu tenho que mostrar a esse povo que eu estou fazendo jus ao dinheiro que ele me paga. Se esse dinheiro é mal... então é a minha obrigação é sair da universidade e vender pipoca num campo de futebol, ou trabalhar em uma multinacional, pouco importa, está certo? Se eu estou aqui, se eu aceitei isso... Eu tenho mandato popular, eu fiz um concurso público, então eu tenho que exercer esse meu mandato com dignidade, com decência, com responsabilidade. Agora, a espécie humana é a espécie humana, evidentemente quando você infelizmente relaxa um dispositivo de avaliação ou de cobrança, lamentavelmente também o nosso... digo o nosso porque também é da humanidade, esta certo? - o nosso sentimento de liberdade se amplia e nós acabamos então relaxando um pouco com as nossas obrigações. Por exemplo, se o Estado não te mandar a tua conta os teus impostos, nenhum de nós, evidentemente, vai se dirigir ao guichê do Estado e perguntar: "Olha, quanto eu tenho que pagar de Imposto de Renda?" Porque evidentemente a humanidade é assim mesmo. Então você tem que ter um esquema avaliativo; bom, que avalie com objetividade.

E.: Isso hoje, qual seria então essa sua visão de autoridade e da hierarquia dentro da Unicamp? Quer dizer, pelo que eu entendo, no passado você via claramente a autoridade definida basicamente pelo critério da competência e da liderança legítima. E hoje, como é que você vê?

WC.: Em quase todos os casos aqui na Unicamp eram assim. Porque o Zeferino havia trazido gente que realmente era competente; ele não trouxe sujeitos autoritários para exercer a autoridade. Ele trouxe autoridades para exercer autoridade. Agora, isso hoje está diluído, por essa razão que eu falei a você. Com a coisa do departamento diluíram-se as responsabilidades.

E.: Quer dizer, então a carreira docente hoje...

WC.: Essa carreira foi avacalhada na universidade. Foi avacalhada. Eu insisti muito... o episódio da substituição da Livre Docência foi... se fez muitas discussões internas na universidade. E eu fui... eu tive a coragem em uma ou duas assembléias de docentes dizer que nós devíamos prestar concurso público porque da mesma forma que a gente combate o Senado, a Câmara Federal que aí no apagar das luzes em 31 de dezembro faz um oba-oba e oficializam não sei quantos mil funcionários e a gente chama isso de cabide de emprego; isso a Unicamp fez o seu cabidão. Enxarcelou todos nós; nós não fomos obrigados a mostrar se nós prestávamos ou não prestávamos perante a sociedade, à despeito de que há muita gente boa, muita gente competente, muita gente que produziu de fato. Mas tudo isso foi sancionado por decreto. A Livre Docência como uma juntada de material que o sujeito faz ao longo de não sei quantos anos, junta cinco ou seis artigos, um não tem nada a ver com o outro, o sujeito vai e defende uma Livre Docência. Eu acho que... acaba com a Livre Docência então de vez e bota um concurso mais pesado para professor titular como é nas federais, por exemplo. Eu acho que isso são... são facilidades que vão sendo inventadas ao longo do processo que vão jogando a universidade para baixo; isso não é democracia, assim como um expediente que num certo momento da vida da universidade foi criado, da coisa do pagamento extra para atividades noturnas, que é... que para mim realmente foi um escândalo, porque se eu trabalhasse à noite era justo que eu recebesse um adicional se eu estivesse precisando; mas não, bastava que tivesse uma atividade e todos os colegas do departamento também passariam a receber, isso é um valhacouto ...

WC.: Estava dispensado da atividade [diurna]...

E.: ... isso é um valhacouto! É um valhacouto! Isso é um desrespeito ao povo! É você realmente se locupletar com dinheiro público, ou seja, no bom português, ganhar sem trabalhar.

E.: Uma subquestão aí. Você seria a favor da instituição de um sistema de planejamento universitário que procurasse de uma forma, mesmo que fosse colegiada, mas centralizada, estabelecer prioridades para o ensino e para pesquisa?

WC.: Acho que sim. Acho que alguma coisa você tem que ver porque a universidade já cresceu muito; então daqui para a frente, evidentemente, não vai ser fácil para a Unicamp, para a Unesp, para a USP, disputar recursos adicionais ao nível do governo do Estado, não vai ser fácil, cada vez vai ser mais difícil. Então, você tem que olhar a universidade e ver, realmente, o que é prioritário. Você tem que fixar critérios de prioridade, porque senão é a mesma coisa que a crítica que nós fazemos ao atual governo federal, que não tem prioridade nenhuma. O sujeito inventa que o trezinho Norte-Sul é prioridade nacional, quando outros podem achar que é a erradicação do analfabetismo. Enfim, você tem que priorizar

minimamente. No mínimo para as coisas novas, porque senão inclusive a coisa vai crescendo em decorrência da capacidade do pedinte, do solicitante. Como na prioridade você não tem recurso para tudo, a coisa vai um pouco ao sabor das forças políticas solicitantes. Na questão do desperdício, eu queria fazer uma observação. Algumas unidades daqui acho que não souberam tratar os recursos que receberam - e foram grandes - com melhor eficiência; não é que foram ineficientes, mas em algumas unidades, eu olhando de fora, eu vejo que houve uma atomização excessiva de alocação de recursos. Havia um dado momento que na Física tinha 90 laboratórios individuais. Houve um momento que na Engenharia tinha não sei quantas bibliotecas privadas de professores e o cidadão tinha acesso a um arquivo de convênio. Aqui na Economia, não. Desde o início disse: “Aqui não vai ter isso”; temos uma biblioteca, temos equipamento de uso coletivo. Porque? Porque senão você, enquanto as vacas estão gordas, você vai montando 10, 20, 30, 85 laboratórios, mas depois que as vacas emagrecem, aqueles 85 ficam com 85 laboratórios precários, inclusive sem dinheiro para mantê-los e o resto daquela coletividade fica “chupando o dedo”. Isso aí, infelizmente houve. Eu vi isso muito na universidade, infelizmente. Esse foi um lado negativo. Individualmente foi muito bom para aquelas pessoas que se beneficiaram daquilo; conseguiram produzir, criar em cima daquilo, mas coletivamente eu acho que a eficiência teria sido maior se a coisa fosse um pouco mais concentrada e não atomizada, como foi feito.

E.: Professor, porque isso teria acontecido já que era uma preocupação da Reitoria, particularmente do professor Zeferino, inclusive de acordo com o que a Reforma Universitária estabeleceu da não racionalização da utilização de recurso, ou seja, a não duplicação de meios para os mesmos fins. Porque isso teria acontecido?

WC.: Aí eu acho... eu acho que houve... o grande culpado disso foi, digamos, a excessiva facilidade em obtenção de recursos; houve um tempo em que dinheiro do CNPq e FINEPs para a área de tecnologia era um dinheiro fácil. Ou seja, você tendo projeto, você tendo alguns nomes competentes à testa desses projetos, o dinheiro vinha. Não é que nem hoje que a coisa fica um pouco mais difícil de obter recursos. Então, veio muito dinheiro fácil.

WC.: Certo. Essa questão de recursos financeiros no período do professor Zeferino, qual era a sua impressão com relação ao peso relativo dos recursos próprios da universidade e os recursos externos? Dá para dizer que houve uma preponderância de recursos externos dessas agências financiadoras?

WC.: No comecinho, não. Mas depois que você consolida a Física e a Engenharia, que eram os dois principais receptores de recursos, aí você fica com uma base de meio a meio durante muitos anos, ou seja, de cada 100 aplicados na universidade, 50 eram de fora, grosso modo. Isso é um peso bastante grande.

E.: Esse fluxo de recursos externos por algum momento lhe deu a impressão que estaria comprometendo a autonomia da universidade na questão acadêmica?

WC.: Acredito que não. Pelo menos o engajamento e o entusiasmo com que os docentes das áreas que o faziam, entrando nesses convênios, não me autorizaria a pensar em deturpação, em desvio, coisa que o valha; acho que não. Os físicos que entraram e pegaram o dinheiro da FINEP para fazer [inaudível] fizeram isso conscientemente porque acharam que era interessante fazer, gostaram disso, acharam que era produtivo, importante, necessário. E isso de alguma forma foi transmitido. Esse conhecimento adquirido foi transmitido para os alunos da pós-graduação... se socializou esse conhecimento.

E.: Qual a sua avaliação sobre o grau de flexibilidade da hierarquia universitária, ou seja, da mobilidade dentro da carreira docente e também na carreira administrativa. Considera que há flexibilidade, que houve flexibilidade?

WC.: Eu acho que a carreira administrativa ela foi flexibilizada; antes a coisa era mais dura e depois nos últimos dez anos foram se criando normas, leis, decretos, enfim, modificações de tal sorte que se flexibilizou um pouco a carreira administrativa. Agora, a carreira docente ela tinha só um lado negativo, acho eu; que ela te obrigava aos interstícios de três anos, isso era rígido; três anos de mestre para doutor, mais três para fazer a Livre Docência, mais três para fazer adjunto e mais três para titular. Embora a trajetória natural do indivíduo na universidade é quase essa, ou seja, em menos de 20, 20 e poucos anos de trabalho você não faz tudo isso. Mas eu acho que até caiu isso se não me engano. Faz tanto tempo que eu não leio nada a respeito de carreira; porque eu já fiz a minha faz tempo, que isso já deve ter caído; mas, antigamente era de lei isso. Eles te obrigavam a esperar três anos para poder defender o teu concurso seguinte, o que em alguns casos era uma punição; tem sujeitos que fazem mais rápido a sua carreira, isso era um entrave. Agora, a carreira em si eu nunca discordei. Eu acho que carreira é uma coisa necessária porque senão você cai no democratismo; aí abre flexibilidade para nomear amigos, para nomear outros, para, enfim, promover terceiros; e a carreira te possibilita você mostrar seus méritos perante uma banca, você não está devendo favor à ninguém, pelo contrário, você está se expondo. Então, a carreira o que é? A carreira é o reconhecimento do teu mérito pela comunidade. Se exige o concurso público deve-se exigir também a carreira e justamente o conhecimento e a competência é algo inerente à tua atividade.

E.: Para finalizar, professor, eu lhe perguntaria qual a sua visão a respeito do papel do intelectual universitário dentro da academia e na sociedade.

WC.: Bom, eu acho que o intelectual, evidentemente, ele não pode se restringir a uma atividade intramuros, porque qualquer que seja o seu campo de atuação ele tem que ter uma visão de mundo. Alguma pelo menos. Ou seja, ele tem que olhar a sociedade, olhar o Estado, olhar o que está se passando na realidade do país, ou daquele microcosmo em que ele vive; e tem que ter uma participação nessa sociedade, tem que haver uma participação crítica sobre essa sociedade; porque senão, realmente, ele acaba sendo cientista, *strictu sensu* da palavra, e não um intelectual propriamente dito. Um intelectual é um sujeito... um ser pensante; e ele não precisa, para ser intelectual, ele não precisa ter canudos de papel, nem honrarias, nem diplomas formais, mas sim ele tem que refletir sobre essa sociedade e o mundo em que ele vive. Eu acho que o papel do acadêmico... ele que mantenha o rigor acadêmico dentro da academia, tudo bem; mas eu acho que ele tem uma obrigação para com a sociedade, justamente porque ele é um privilegiado e ele é uma elite nessa sociedade. Eu acho que ele tem uma obrigação de dar uma contribuição crítica a essa sociedade, tem que participar.

E.: Só uma questão que eu passei... A sua avaliação sobre o papel inovador da Unicamp no ensino e na pesquisa... a sua avaliação geral, o que a Unicamp... ela foi realmente inovadora?

WC.: Foi tremendamente inovadora. Tremendamente inovadora. Vários currículos ela inovou porque introduziu bibliografia moderna, bibliografia crítica. Na minha área isso é uma coisa transparente, basta que você pegue... pegasse o início da década de 70 os programas oficiais que nós fizemos em nossos cursos e os programas oficiais de outras escolas, você ia notar claramente uma diferença. Ou seja, na Economia, por exemplo, nós exigíamos que o aluno estudasse bem o Marx, mas também exigíamos que ele estudasse muito bem o Keynes²³ e o Schumpeter²⁴, ou seja, o sujeito era obrigado a estudar decentemente os grandes autores independentemente da conotação política e ideológica. Eu acho que nesse sentido nós inovamos e na pesquisa então nem falar, porque aqui se organizou a pesquisa, a pesquisa realmente frutificou de uma maneira contributiva, juntando gente; eu acho que é uma diferença, uma marca da Unicamp.

E.: O último detalhe é com relação aqui... Algumas pessoas levantaram a hipótese de que mesmo no período do professor Zeferino houve... com crescimento da burocracia interna, houve uma certa utilização

²³ John Maynard Keynes (1883-1946).

²⁴ Joseph Alois Schumpeter (1883-1950).

desse peso da administração central como um fator político e isso teria, eventualmente, até transformado uma atividade meio, que é uma atividade apoio administrativa, no próprio fim da universidade. Como é que você vê isso?

WC.: Olha, eu acho que a questão da burocracia e da administração da universidade foi algo que foi crescendo de uma maneira cogumélica, sem grandes controles; altamente centralizado e com o padrão de organização bom para aquele início, mas que vai se tornando arcaico, vai se tornando obsoleto na medida que se avançasse não só no tempo mas que se avançasse também na complexidade e no crescimento físico da atividade-fim. Então, esse centralismo foi danoso para a universidade porque você esclerosou. Inúmeros dos segmentos da administração da universidade são esclerosados. Hoje há aí uma reforma em andamento, que de vez em quando eu leio algo sobre ela. Não sei até onde ela foi, até onde ela vai, mas aqui realmente precisava uma mudança radical na forma de administração da universidade. A universidade está entupida de gente.

E.: Mas em algum momento lhe passou pela cabeça que isso estivesse sendo utilizado como um instrumento de poder dentro da universidade?

WC.: Olha, as estruturas de poder são sempre... sempre... sempre os titulares dessas estruturas de poder, evidentemente tentam usar esse poder; alguns tentam usá-lo positivamente e outros podem tentá-lo para atingir interesses pessoais ou interesses de clientela, etc. Esse é o risco que você tem evidentemente quando uma administração cresce da forma como cresceu, tanto quanto desordenada e a burocracia ampliando seus laços. Então você teve isso, um crescimento negativo, acho. Isso piorou a vida da universidade. Eu não sei como os funcionários tem a visão desse problema, mas é terrível porque gradativamente você vai... você passa a xingar a burocracia e quem é essa burocracia? Essa burocracia são os funcionários; você passa a odiar a burocracia e quem é odiado é o infeliz que está atrás daquela mesa, porque ele... não necessariamente ele tem culpa, ele tem que carimbar, mandam ele carimbar aquele papel e ele carimba aquele papel e, às vezes o trabalho dele é absolutamente desnecessário. Isso teria que passar por uma radical transformação.

WC.: OK professor! Encerramos, então. Eu agradeço a sua colaboração. Obrigado.